revista de autofagia

n.3 – março – 2009

editorial

Os textos aqui escritos não refletem, necessariamente, a visão do autor.

Os autores daqui proscritos não refutam, evasivamente, a vazão do texto.

Os reflexos acrescidos não autorizam a necessidade do não.

Os decréscimos supracitados não serão pretexto para notas editoriais.

Os desaparecidos não mandam bilhetes de amor.

Os fatos se assemelham à ficção.

Os textos aqui detidos não fazem reféns.

Nascer é a vontade de ninguém.

para a sua segurança, não leia allen ginsberg

introdução e traduções
leo gonçalves

“Primeira idéia, melhor idéia”. Foi assim que Allen Ginsberg (1926-1997) definiu, em meados dos anos 1970, a linha central de sua poesia. A idéia budista de que com a mente vazia se atinge o alvo proposto resumia suas experiências com alucinógenos, sexo, loucura. O objetivo era fazer uma poesia não literária, cujo método principal fosse a improvisação e a experiência dada (auto-provocada ou não) na vida “real”.

Ginsberg é, ao lado de Jack Kerouac e Gregory Corso, um dos expoentes (talvez devêssemos dizer pilares) da geração beat. Em princípios dos anos 1950, lançava uma proposta radical que levava a poesia para um patamar de experimentação jamais visto nos EUA. Com o seu poema “Uivo”, inaugurado na célebre leitura da Six Gallery, em San Francisco, 1955, condensava dadaísmo, surrealismo, jazz, visão profética, a escrita inventiva joyceana, o método ideogrâmico de Ezra Pound e o tom profético de autores como o Walt Whitman e William Blake. O poema, que dá título ao livro (publicação da editora City Lights, comandada por Lawrence Ferlinghetti) foi condenado pela suprema corte norte-americana, proibido e apreendido antes mesmo do lançamento.

Apesar de toda essa parafernália criativa e por suas nuances autobiográficas, o establishment, apressado como sempre, logo viu nos beatniks uma excessiva ingenuidade, um erro de forma. É que o que se produzia nos EUA, naqueles primeiros anos do pós-guerra, era uma poesia formalista, apegada a valores vazios como rima e métrica. Mas era justamente esse estado de coisas que eles se dispunham a desafiar e desmitificar. E de certa forma, ainda hoje, boa parte dos poetas daquela geração permanecem não lidos ou incompreendidos em sua essência.

O mundo dá voltas. Certo dia, depois de ser perseguido pela CIA, expulso de Cuba e da Tchecoslováquia, traduzido para diversos idiomas e conhecido em todo o planeta, tendo influenciado e feito parcerias com Tom Waits, Bob Dylan, Phillip Glass, Paul McCartney, tendo sido um dos principais gurus de movimentos libertários como os punks e os hippies, Ginsberg passou a chamar a atenção da academia norte-americana. Não que esta tenha se tornado menos conservadora. Mas é que sua poesia tornara-se um fato inegável. Isso não significava de forma alguma que ele abrira mão de lançar uma visão crítica em relação à cultura de seu país. Pelo contrário, o mesmo poema que fora proibido nos anos 1950, volta a ser censurado em 1988, deixando de circular em rádios e programas de TV. Indecência, diziam. Em poemas como “Ballad of skeletons” [Balada dos esqueletos] ou mesmo em alguns presentes nesta seleção, nota-se um artista político, polêmico, partidário da “nudez” como forma máxima de poesia e atento para a “visão” do real, seus “Sanduíches de realidade”.

IMPROVISO EM PEQUIM

Eu escrevo poesia porque a palavra Inglesa Inspiração vem do Latim Spiritus, respiração, eu quero respirar livremente.
Eu escrevo poesia porque Walt Whitman deu permissão mundial para falar com candor.
Eu escrevo poesia porque Walt Whitman abriu os versos da poesia para a respiração desobstruída.
Eu escrevo poesia porque Ezra Pound viu uma torre de marfim, apostou num cavalo errado,
deu aos poetas permissão para escrever no idioma vernacular falado.
Eu escrevo poesia porque Pound indicou aos jovens poetas do Ocidente que observassem as
palavras da escrita pictográfica chinesa.
Eu escrevo poesia porque William Carlos Williams que vivia em Rutherford escreveu o
Novajerseyês "I kick yuh eye", perguntando, qual a medida disso em pentâmetro iâmbico?
Eu escrevo poesia porque meu pai era poeta minha mãe vinda da Rússia que falava
Comunista, morreu numa casa de loucos.
Eu escrevo poesia porque meu jovem amigo Gary Snyder sentou-se para olhar seus pensamentos
como parte dos fenômenos do mundo exterior exatamente como numa mesa de conferência em 1984.
Eu escrevo poesia porque eu sofro, nascido que sou para morrer, pedras nos rins e pressão alta, todo mundo sofre.
Eu escrevo poesia porque eu fico confuso por não saber o que as outras pessoas pensam.
Eu escrevo porque a poesia pode revelar os meus pensamentos, curar minha paranóia e também a paranóia de outras pessoas.
Eu escrevo poesia porque minha mente vagueia entre assuntos de sexo política meditação Buddhadharma.
Eu escrevo poesia para fazer boa imagem da minha própria mente.
Eu escrevo poesia porque tomei os Quatro Preceitos do Bodhisattva: a sensibilidade a
ser liberada das criaturas é inumerável no universo, minha própria ignorância gananciosa
corta a infinitude da verdade, as situações em que encontro a mim mesmo enquanto o céu
está bonito são incontáveis, e o caminho da mente desperta não tem fim.
Eu escrevo poesia porque essa manhã eu acordei tremendo com medo o que é que eu iria dizer na China?
Eu escrevo poesia porque os poetas Russos Maiakóvski e Iessênin cometeram suicídio, alguém mais precisa falar.
Eu escrevo poesia por causa do meu pai que recitava o poeta Inglês Shelley e o poeta
americano Vachel Lindsay em voz alta dando exemplo grande alento de inspiração.
Eu escrevo poesia porque escrever sobre sexo é censurado nos Estados Unidos.
Eu escrevo poesia porque milionários de Leste a Oeste dirigem Limousines Rolls-Royce e
pobres não têm dinheiro nem para ir ao dentista.
Eu escrevo poesia porque meus genes e cromossomas se apaixonam por garotos e não por garotas.
Eu escrevo poesia porque não tenho responsabilidades dogmáticas de um dia para o outro.
Eu escrevo poesia porque eu quero estar sozinho e quero falar para as pessoas.
Eu escrevo poesia para me voltar e falar com Whitman, jovens aos dez anos falam com
velhas tias e tios que vivem ainda nas proximidades de Newark, Nova Jersey.
Eu escrevo poesia porque ouvi negro blues no rádio em 1939, Leadbally e Ma Rainey.
Eu escrevo poesia inspirado pela alegre juventude das canções envelhecidas dos Beatles.
Eu escrevo poesia porque Chuang-Tzu não podia dizer se era homem ou borboleta, Lao-Tzu disse
que a água flui montanha abaixo, Confúcio disse para honrar os mais velhos, eu quis honrar Whitman.
Eu escrevo poesia porque ovelhas e gado superalimentados vindos da Mongólia para o
Ocidente Selvagem dos Estados Unidos destroem a grama nova e a erosão cria desertos.

Eu escrevo poesia calçando sapatos com pele de animal.
Eu escrevo poesia “Primeira idéia, melhor idéia” sempre.
Eu escrevo poesia porque não-idéias são compreensíveis exceto se manifestadas em determinados minutos: “Não-idéias mas nas coisas”.
Eu escrevo poesia porque o Lama Tibetano diz, “As coisas são símbolos delas mesmas”.
Eu escrevo poesia porque as manchetes de jornal são um buraco negro em nossa galáxia-central, nós somos livres para noticiar isto.
Eu escrevo poesia por causa da Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, a bomba nuclear e a Terceira Guerra Mundial se queremos isto, eu não preciso disto.
Eu escrevo poesia porque meu primeiro poema Uivo não precisou ser publicado para ser perseguido pela polícia.
Eu escrevo poesia porque meu segundo longo poema Kaddish homenageava o parinirvana da minha mãe num hospital psiquiátrico.
Eu escrevo poesia porque Hitler matou seis milhões de judeus, eu sou judeu.
Eu escrevo poesia porque Moscou, segundo Stalin, exilou 20 milhões de Judeus e intelectuais na Sibéria, 15 milhões deles nunca voltaram para o Café Stray Dog de São Petersburgo.
Eu escrevo poesia porque eu canto quando sinto que estou sozinho.
Eu escrevo poesia porque Walt Whitman disse “Eu me contradigo? Muito bem, então eu me contradigo (Sou vasto, contenho multidões.)”
Eu escrevo poesia porque minha mente se contradiz, um minuto em Nova York, o próximo minuto nos Alpes Dináricos.
Eu escrevo poesia porque minha cabeça contém 10.000 pensamentos.
Eu escrevo poesia porque sem razão sem porquê.
Eu escrevo poesia porque é o melhor caminho para dizer tudo o que penso dentro de 6 minutos ou uma vida inteira.

IMPROVISATION IN BEIJING

I write poetry because the English word Inspiration comes from Latin Spiritus, breath, I want to breathe freely./ I write poetry because Walt Whitman gave world permission to speak with candor./ I write poetry because Walt Whitman opened up poetry’s verse-line for unobstructed breath./ I write poetry because Ezra Pound saw an ivory tower, bet on one wrong horse, gave poets permission to write spoken vernacular idiom./ I write poetry because Pound pointed young Western poets to look at Chinese writing word pictures./ I write poetry because W. C. Williams living in Rutherford wrote New Jerseyesque “I kick yuh eye,” asking, how measure that in iambic pentameter?/ I write poetry because my father was poet my mother from Russia spoke Communist, died in a mad house./ I write poetry because young friend Gary Snyder sat to look at his thoughts as part of external phenomenal world just like a 1984 conference table./ I write poetry because I suffer, born to die, kidneystones and high blood pressure, everybody suffers./ I write poetry because I suffer confusion not knowing what other people think./ I write because poetry can reveal my thoughts, cure my paranoia also other people’s paranoia./ I write poetry because my mind wanders subject to sex politics Budhadharma meditation./ I write poetry to make accurate picture my own mind./ I write poetry because I took Bodhisattva’s Four Vows: Sentient creatures to liberate are numberless in the universe, my own greed ignorance to cut thru’s infinite, situations/ I find myself in are countless as the sky okay, while awakened mind path’s endless./I write poetry because this morning I woke trembling with fear what could I say in China? I write poetry because Russian poets Mayakovsky and Yesenin committed suicide, somebody else has to talk./ I write poetry because my father reciting Shelley English poet & Vachel Lindsay American poet out loud gave example–big wind inspiration breath./ I write poetry because writing sexual matters was censored in United States./ I write poetry because millionaires East and West ride Rolls-Royce limousines, poor people don’t have enough money to fix their teeth./ I write poetry because my genes and chromosomes fall in love with young men not young women./ I write poetry because I have no dogmatic responsibility one day to the next./ I write poetry because I want to be alone and want to talk to people./ I write poetry to talk back to Whitman, young people in ten years, talk to old aunts and uncles still living near Newark, New Jersey./ I write poetry because I listened to black Blues on 1939 radio, Leadbelly and Ma Rainey./ I write poetry inspired by youthful cheerful Beatles’ songs grown old./ I write poetry because Chuang-tzu couldn’t tell whether he was butterfly or man, Lao-tzu said water flows downhill, Confucius said honor elders, I wanted to honor Whitman./ I write poetry because overgrazing sheep and cattle Mongolia to U.S. Wild West destroys new grass & erosion creates deserts./ I write poetry wearing animal shoes./ I write poetry “First thought, best thought” always./ I write poetry because no ideas are comprehensible except as manifested in minute particulars: “No ideas but in things.”/ I write poetry because the Tibetan Lama guru says, “Things are symbols of themselves.”/ I write poetry because newspapers headline a black hole at our galaxy-center, we’re free to notice it./ I write poetry because World War I, World War II, nuclear bomb, and World War III if we want it, I don’t need it./ I write poetry because first poem Howl not meant to be published was prosecuted by the police./ I write poetry because my second long poem Kaddish honored my mother’s parinirvana in a mental hospital./ I write poetry because Hitler killed six million Jews, I’m Jewish./ I write poetry because Moscow said Stalin exiled 20 million Jews and intellectuals to Siberia, 15 million never came back to the Stray Dog Café, St. Petersburg./ I write poetry because I sing when I’m lonesome./ I write poetry because Walt Whitman said, “Do I contradict myself? Very well then I contradict myself (I am large, I contain multitudes.)”/ I write poetry because my mind contradicts itself, one minute in New York, next minute the Dinaric Alps./ I write poetry because my head contains 10,000 thoughts./ I write poetry because no reason no because./ I write poetry because it’s the best way to say everything in mind within 6 minutes or a lifetime.

PESQUISAS

Pesquisas mostram que as pessoas negras têm complexo de inferioridade ao ver famílias brancas
Pesquisas mostram que os Judeus se preocupam exclusivamente com a sua lascívia financeira
Pesquisas mostram que o Socialismo é um fracasso universal onde quer que seja praticado pela polícia secreta
Pesquisas mostram que a Terra foi criada 4.004 anos a.C, um Divino Bang
Pesquisas mostram que pardais, abelhas, lagartas, galinhas, porcos e vacas exibem sinais de comportamento
homossexual quando aprisionados
Pesquisas mostram que a Confissão da Inerrância Batista do Sul é a mais virulenta forma da Verdade Cristã
Pesquisas mostram que 90% das pessoas que vão ao Dentista têm dentes ruins
escovar seus dentes violentamente três vezes ao dia após as refeições estraga as raízes
Pesquisas mostram que Hollywood continua fazendo os melhores filmes, a sexualidade degenerada
que as Nações Unidas é Boa [ ] Ruim [ ] Indiferente [ ] para os interesses americanos
Marque uma opção
Pesquisas mostram que a homossexualidade Reconstrucionista Cristã é Pecado, Lesbianismo crime contra a natureza,
AIDS uma praga enviada para punir papa-Anjos gays bissexualidade desaprovada por 51% dos Americanos
Pesquisas mostram que jovens metaleiros que assistem TV alcançam maior QI do que os nativos
dos rios Amazonas e Ucayali que não têm antenas
Pesquisas mostram que as orcas e as baleias apresentam Inteligência Mais Alta
Pesquisas mostram que a Corrupção Espiritual do Individualismo Elitista & a Arte
Degenerada foram as causas de Ditaduras na União Soviética China e Alemanha
que a posse de pornografia no Instituto da Família Americana resultou em um aumento de
35% dos crimes sexuais entre as bibliotecárias do instituto
ver comportamento assassino em besteiróis de TV aumentou em 100% o comportamento de
linguagem violenta pelos Chefes de Estado intercontinentais
Para concluir pesquisas mostram que o universo material não existe

Allen Ginsberg
May 20, 1992

RESEARCH

Research has shown that black people have inferiority complexes regarding white folks/ Research has shown that Jews are exclusively concerned with financial lasciviousness/ Research has shown Socialism to be a universal failure wherever practiced by secret police/ Research has shown that Earth was created 4004 B.C., a Divine Bang/ Research has shown that sparrows, bees, lizards, chickens, pigs & cows exhibit signs of homosexual behavior when in prison/ Research has shown Southern Baptist Inerrancy Confession the most virulent form of Christian Truth/ Research has shown that 90% of people going to Dentists have bad teeth/ brush your teeth violently 3 times a day after meals wear away the roots/ Research has shown that Hollywood makes the best films ever, though sexually degenerate/ that the U.N. is Good [ ] Bad [ ] Indifferent [ ] for American interests Check One/ Research has shown that Christian Reconstructionist homosexuality is Sin, Lesbianism crime against nature, AIDS a plague sent to punish gay Angelmakers bisexuality disapproved by 51% Americans/ Research has shown that teen headshakers watching TV get more IQ tests than natives of Amazon & Ucayali rivers who have no antennae/ Research has shown whales & porpoises to subscribe to a Higher Intelligence/ Research has shown that Elitist Individualism Spiritual Corruption & Degenerate Art caused Dictatorships in Soviet Union China and Germany/ that possession of pornography by American Family Institute has resulted in 35% increase in sex crimes among institute librarians/ viewing murderous behavior on TV sitcoms resulted in 100% increased violent language behavior by intercontinental Heads of State/ To conclude research has shown that the material universe does not exist

May 20, 1992

SAUDAÇÕES COSMOPOLITAS

para o Struga Festival Golden Wreath Laureates & International Bards, 1986

Levante-se contra governos, contra Deus.
Mantenha-se irresponsável.
Diga somente o que sabemos e imaginamos.
Absolutos são coerções.
Mudança é absoluto.
Mente ordinária inclui percepções eternas.
Observe o que é vívido.
Noticie o que você noticia.
Apanhe-se em pleno pensar.
Vivência é auto-seleção.
Se não mostramos ninguém, somos livres para não escrever nada.
Lembrar o futuro.
Consulte somente a si mesmo.
Não beba a si mesmo até a morte.
Duas moléculas se chocando requerem um observador para virarem dados científicos.
O instrumento de medida determina a aparência do mundo dos fenômenos segundo Einstein.
O universo é subjetivo.
Walt Whitman celebrou a Persona.
Somos observadores, instrumentos de medida, olho, sujeito, Persona.
Universo é Persona.
Dentro do crânio é tão vasto quanto fora do crânio.
Mente é muito mais que espaço.
"Cada um em sua cama falava para si mesmo sozinho, sem fazer barulho."
Primeira idéia, melhor idéia.
A mente é simétrica, a Arte é simétrica.
Máxima informação, mínimo número de sílabas.
Sintaxe condensada, o som é sólido.
Fragmentos intensos de idioma falado, melhor.
Consoantes em volta de vogais fazem sentido.
Saboreie as vogais, aprecie as consoantes.
A subjetividade é conhecida pelo que ela vê.
Os outros podem medir suas visões pelo que nós vemos.
O candor é o fim da paranóia.

Kral Majales
25 de junho de 1986
Boulder; Colorado

COSMOPOLITAN GREETINGS

to Struga Festival Golden Wreath Laureates & International Bards 1986

Stand up against governments, against God./ Stay irresponsible./ Say only what we know & imagine./ Absolutes are Coercion./ Change is absolute./ Ordinary mind includes eternal perceptions./ Observe what's vivid./ Notice what you notice./ Catch yourself thinking./ Vividness is self-selecting./ If we don't show anyone, we're free to write anything./ Remember the future./ Advise only yourself./ Don't drink yourself to death./ Two molecules clanking us against each other require an observer to become scientific data./ The measuring instrument determines the appearance of the phenomenal world (after Einstein)./ The universe is subjective./ Walt Whitman celebrated Person./ We are observer, measuring instrument, eye, subject, Person./ Universe is Person./ Inside skull is vast as outside skull./ What's in between thoughts?/ Mind is outer space./ What do we say to ourselves in bed at night, making no sound? "First thought, best thought."/ Mind is shapely, Art is shapely./ Maximum information, minimum number of syllables./ Syntax condensed, sound is solid./ Intense fragments of spoken idiom, best./ Move with rhythm, roll with vowels./ Consonants around vowels make sense./ Savour vowels, appreciate consonants./ Subject is known by what she sees./ Others can measure their vision by what we see./ Candour ends paranoia.

Kral Majales
June 25, 1986
Boulder; Colorado

KRAL MAJALES

E os Comunistas não têm nada a oferecer a não ser lentes e bochechas gordas e policiais mentirosos
e os Capitalistas proferem Napalm e dinheiro em valises verdes para a Nudez,
e os Comunistas criam indústria pesada mas o coração também é pesado
e os lindos engenheiros estão todos mortos, os técnicos secretos conspiram para seu próprio glamour
no Futuro, no Futuro, mas agora bebem vodka e lamentam as Forças de Segurança,
e os Capitalistas bebem gin e whisky em aeroplanos mas deixam milhões de morenos Indianos famintos
e enquanto as bundas de Comunistas e Capitalistas se embolam o homem Justo é preso ou roubado ou tem a sua cabeça cortada,
mas não como Kabir, e o pigarro do homem Justo sobre as nuvens na luz do sol é uma saudação à saúde do céu azul.
Pois eu fui preso três vezes em Praga, uma por cantar bêbado na rua Narodni,
uma chutado no passeio público da meia-noite por um tira bigodudo que gritava BOUZERANT,
uma por perder minha caderneta com opinões sobre sexo e sonhos políticos não usuais,
e eu fui expulso de Havana num aeroplano por detetives de uniforme verde,
e fui expulso de Praga num aeroplano por detetives de terno tcheco,
Jogadores de baralho saídos de Cézanne, os dois estranhos carneirinhos que entraram na sala de Josef K pela manhã
também entraram na minha, e comeram à minha mesa, e examinaram meus escritos,
e seguiram-me noite e dia da casa dos amantes aos cafés do Centrum –
E eu sou o Rei de Maio, que é o poder da juventude sexualizada,
e eu sou o Rei de Maio, que é indústria e eloqüência e ação em amour,
e eu sou o Rei de Maio, que é os longos cabelos de Adão e a Barba do meu próprio corpo
e eu sou o Rei de Maio, que é Kral Majales na língua da Tchecoslováquia,
e eu sou o Rei de Maio, que é a velha poesia Humana, e 100.000 pessoas procuram por meu nome,
e eu sou o Rei de Maio, e em alguns minutos aterrisarei no Aeroporto de Londres
e eu sou o Rei de Maio, naturalmente, pois sou de origem eslava e um Judeu Budista
que cultua o Sagrado Coração de Cristo o corpo azul de Krishna as costas retas de Ram
as guias de Xangô o nigeriano cantando Shiva Shiva de um jeito inventado por mim,
e o Rei de Maio é uma honraria médio-européia, minha no século XX apesar das naves espaciais e
da Máquina do Tempo, porque eu ouvi a voz de Blake numa visão,
e repito aquela voz. E eu sou o Rei de Maio que dorme com adolescentes sorridentes.
E eu sou o Rei de Maio, que tinha que ser expelido de meu Reino com Honra, como os velhos,
para mostrar a diferença entre o Reino de César e o Reino de Maio do Homem –
e eu sou o Rei de Maio porque eu coloquei o dedo na testa para saudar uma garota pesada e
luminosa que tremia as mãos ao dizer “um momento, Senhor Ginsberg”
antes um gordo garoto à paisana pisou entre nossos corpos –eu estava indo para a Inglaterra –
e eu sou o Rei de Maio, de volta para ver Bunhill Fields e caminhar em Hampstead Heath,
e eu sou o Rei de Maio, num aeroplano gigante que toca o céu de Albion tremendo de medo
enquanto o aeroplano urra para pousar no concreto cinza, balança e expele ar
e rola lentamente para uma parada sob as nuvens com parte do paraíso azul ainda visível.
E no entanto e eu sou o Rei de Maio, os Marxistas me bateram pela rua, me prenderam à noite
inteira na Delegacia de Polícia, seguiram-me pela primavera de Praga, me detiveram em
segredo e deportaram-me de nosso reino num aeroplano.
E por isso escrevi este poema num jato sentado no meio do Paraíso.

07 de Maio, 1965

KRAL MAJALES

And the Communists have nothing to offer but fat cheeks and eyeglasses and lying policemen
and the Capitalists proffer Napalm and money in green suitcases to the Naked,
and the Communists create heavy industry but the heart is also heavy
and the beautiful engineers are all dead, the secret technicians conspire for their own glamor
in the Future, in the Future, but now drink vodka and lament the Security Forces,
and the Capitalists drink gin and whiskey on airplanes but let Indian brown millions starve
and when Communist and Capitalist assholes tangle the Just man is arrested or robbed or had his head cut off,
but not like Kabir, and the cigarette cough of the Just man above the clouds
in the bright sunshine is a salute to the health of the blue sky.
For I was arrested thrice in Prague, once for singing drunk on Narodni street,
once knocked down on the midnight pavement by a mustached agent who screamed out *BOUZERANT,*
once for losing my notebooks of unusual sex politics dream opinions,
and I was sent from Havana by plane by detectives in green uniform,
and I was sent from Prague by plane by detectives in Czechoslovakian business suits,
Cardplayers out of Cezanne, the two strange dolls that entered Joseph K's room at morn
also entered mine, and ate at my table, and examined my scribbles,
and followed me night and morn from the houses of lovers to the cafés of Centrum—
And I am the King of May, which is the power of sexual youth,
and I am the King of May, which is industry in eloquence and action in amour,
and I am the King of May, which is long hair of Adam and the Beard of my own body
and I am the King of May, which is Kral Majales in the Czechoslovakian tongue,
and I am the King of May, which is old Human poesy, and 100,000 people chose my name,
and I am the King of May, and in a few minutes I will land at London Airport,
and I am the King of May, naturally, for I am of Slavic parentage and a Buddhist Jew
who worships the Sacred Heart of Christ the blue body of Krishna the straight back of Ram
The Beads of Chango the Nigerian singing Shiva Shiva in a manner which I have invented,
and the King of May is a middleeuropean honor, mine in the XX century
despite space ships and the Time Machine, because I heard the voice of Blake in a vision,
and repeat that voice. And I am the King of May that sleeps with teenagers laughing.
And I am the King of May, that I may be expelled from my Kingdom with Honor, as of old,
To shew the difference between Caesar's Kingdom and the Kingdom of the May of Man—
and I am the King of May, tho paranoid, for the Kingdom of May is too beautiful to last for more than a month—
and I am the King of May because I touched my finger to my forehead saluting
a luminous heavy girl with trembling hands who said "one moment Mr. Ginsberg"
before a fat young Plainclothesman stepped between our bodies—I was going to England—
and I am the King of May, returning to see Bunhill Fields and walk on Hampstead Heath,
and I am the King of May, in a giant jetplane touching Albion's airfield trembling in fear
as the plane roars to a landing on the grey concrete, shakes & expells air,
and rolls slowly to a stop under the clouds with part of blue heaven still visible.
And *tho* I am the King of May, the Marxists have beat me upon the street, kept me up all night in Police Station, followed me thru Springtime Prague, detained me in secret and deported me from our kingdom by airplane.
Thus I have written this poem on a jet seat in mid Heaven.

Robert Lavigne

May 7, 1965

Allen Ginsberg

OYEZ

AHM-BUM!

I

Quem tem bomba?
Temos bomba pra eles!
Quem tem bomba?
Temos bomba pra eles!
Quem tem bomba?
Temos bomba pra eles!
Quem tem bomba?
Temos bomba pra eles!

Quem tem bomba?
Temos bomba pra ti!
Quem tem bomba?
Temos bomba pra ti!
Quem tem bomba?
Tu tem bomba pra ti!
Quem tem bomba?
Tu tem bomba pra ti!

Que fazemos?
Temos bomba pra quem?
Que fazemos?
Temos bomba pra quem?
Que fazemos?
Temos bomba pra quem?
Que fazemos?
Temos bomba pra quem?

Que fazemos?
Tu tem bomba! Tu tem bomba pra eles!
Que fazemos?
Tu tem bomba! Tu tem bomba pra eles!
Que fazemos?
Tu tem bomba! Tu tem bomba pra eles!
Que fazemos?
Tu tem bomba! Tu tem bomba pra eles!

Maio de 1971

II

Para Dom Cherry

Por que tu tem bomba?
A gente não queria a bomba?
Por que tu tem bomba?
A gente não queria a bomba?
Por que tu tem bomba?
A gente não queria a bomba?
Por que tu tem bomba?
A gente não queria a bomba?

Quem disse bomba?
Quem disse que temos bomba?
Quem disse bomba?
Quem disse que temos bomba?
Quem disse bomba?
Quem disse que temos bomba?
Quem disse bomba?
Quem disse que temos bomba?

Quem aí quer uma bomba?
A gente não queria ter bomba!
Quem aí quer uma bomba?
A gente não queria ter bomba!
Quem aí quer uma bomba?
A gente não queria ter bomba!
Quem aí quer uma bomba?
A gente não queria
não queria
não queria ter uma bomba!

Quem pediu uma bomba?
Alguém tem que ter pedido uma bomba!
Quem pediu uma bomba?
Alguém tem que ter pedido uma bomba!
Quem pediu uma bomba?
Alguém tem que ter pedido uma bomba!
Quem pediu uma bomba?
Alguém tem que ter pedido uma bomba!

Eles pediram uma bomba!
Precisavam da bomba!
Eles pediram uma bomba!
Precisavam da bomba!
Eles pediram uma bomba!
Precisavam da bomba!
Eles pediram uma bomba!
Precisavam da bomba!

Eles acham que têm uma bomba!
Eles acham que têm uma bomba!
Eles acham que têm uma bomba!
Eles acham que têm uma bomba!

III

Armagedom nova era
Gog & Magog Gog & Magog
Armagedom nova era
Gog & Magog Gog & Magog

Bombas em Babilônia e Ur
Gog & Magog Gog & Magog
Bombas em Babilônia e Ur
Gog & Magog Gog & Magog

Armagedom na galera
Gog & Magog Gog & Magog
Armagedom na galera
Gog & Magog Gog & Magog

Gog & Magog Gog & Magog
Gog Magog Gog Magog
Gog & Magog Gog & Magog
Gog Magog Gog Magog

Gog Magog Gog Magog
Gog Magog Gog Magog
Gog Magog Gog Magog
Gog Magog Gog Magog

Ginsberg disse Gog & Magog
Armagedom nova era

Fevereiro–Junho de 1991

HUM BOM!

I

Whom bomb?/ We bomb'd them!/ Whom bomb?/ We bomb'd them!/ Whom bomb?/ We bomb'd them!/ Whom bomb?/ We bomb'd them!// Whom bomb?/ We bomb you!/ Whom bomb?/ We bomb you!/ Whom bomb?/ You bomb you!/ Whom bomb?/ You bomb you!// What do we do?/ Who do we bomb?/ What do we do?/ Who do we bomb?/ What do we do?/ Who do we bomb?/ What do we do?/ Who do we bomb?// What do we do?/ You bomb! You bomb them!/ What do we do?/ You bomb! You bomb them!/ What do we do?/ We bomb! We bomb you!/ What do we do?/ You bomb! You bomb you!// Whom bomb?/ We bomb you!/ Whom bomb?/ We bomb you!/ Whom bomb? You bomb you!/ Whom bomb?/ You bomb you!//

May 1971//

II

For Don Cherry

Whydja bomb?/ We didn't wanna bomb!/ Whydja bomb?/ We didn't wanna bomb!/ Whydja bomb?/ You didn't wanna bomb!/ Whydja bomb?/ You didn't wanna bomb!// Who said bomb?/ Who said we hadda bomb?/ Who said bomb?/ Who said we hadda bomb?/ Who said bomb?/ Who said you hadda bomb?/ Who said bomb?/ Who said you hadda bomb?// Who wantsa bomb?/ We don't wanna bomb!/ Who wantsa bomb?/ We don't wanna bomb!/ Who wantsa bomb?/ We don't wanna bomb!/ We don't wanna/ we don't wanna/ we don't wanna bomb!// Who wanteda bomb?/ Somebody musta wanteda bomb!/ Who wanteda bomb?/ Somebody musta wanteda bomb!/ Who wanteda bomb?/ Somebody musta wanteda bomb!/ Who wanteda bomb?/ Somebody musta wanteda bomb!// They wanteda bomb!/ They neededa bomb!/ They wanteda bomb!/ They neededa bomb!/ They wanteda bomb!/ They neededa bomb!/ They wanteda bomb!/ They neededa bomb!// They thought they hadda bomb!/ They thought they hadda bomb!/ They thought they hadda bomb!/ They thought they hadda bomb!// Saddam said he hadda bomb!/ Bush said he better bomb!/ Saddam said he hadda bomb!/ Bush said he better bomb!/ Saddam said he hadda bomb!/ Bush said he better bomb!/ Saddam said he hadda bomb!/ Bush said he better bomb!// Whatdid he say he better bomb for?/ Whatdid he say he better bomb for?/ Whatdid he say he better bomb for?/ Whatdid he say he better bomb for?// Hadda get ridda Saddam with a bomb!/ Hadda get ridda Saddam with a bomb!/ Hadda get ridda Saddam with a bomb!/ Hadda get ridda Saddam with a bomb!// Saddam's still there building a bomb!/ Saddam's still there building a bomb!/ Saddam's still there building a bomb!/ Saddam's still there building a bomb!//

III

Armageddon did the job/ Gog & Magog Gog & Magog/ Armageddon did the job/ Gog & Magog Gog & Magog// Babylon & Ur got bombed/ Gog & Magog Gog & Magog/ Babylon & Ur got bombed/ Gog & Magog Gog & Magog// Armageddon for the mob/ Gog & Magog Gog & Magog/ Armageddon for the mob/ Gog & Magog Gog & Magog// Gog & Magog Gog & Magog/ Gog Magog Gog Magog/ Gog & Magog Gog & Magog/ Gog Magog Gog Magog// Gog Magog Gog Magog/ Gog Magog Gog Magog/ Gog Magog Gog Magog/ Gog Magog Gog Magog// Ginsberg says Gog & Magog/ Armageddon did the job.//

February – June 1991

O RETORNO DE KRAL MAJALES

Nestas bodas de prata muito cabelo se foi da minha cabeça e eu sou o Rei de Maio
E entretanto eu sou o Rei de Maio meus uivos e proclamações atualmente estão expostos pelo FCC
nas ondas elétricas do ar da América das 6 da manhã à meia-noite
Então Rei de Maio eu retorno pelo do Céu voando para reclamar minha coroa de papel
E eu sou o Rei de Maio com alta pressão sangüínea, diabete, gota, paralisia facial, pedra nos rins e calmos óculos de grau
E visto a coroa pirada da não ignorância da não sabedoria e mais ainda do não medo da não
esperança na gravata capitalista picada e nos macacões comunistas
Sem rir da perda do planeta nos próximo cem anos
E eu sou o Rei de Maio que voltou com um diamante tão grande quanto o universo uma mente vazia
E eu sou o Rei de Maio carente de afeto bouzerant na primavera com uma débil prática de meditação
E eu sou Rei de Maio Professor de Inglês Com Boa Distinção do Brooklyn cantando
Tudo se foi tudo se foi tudo se foi demais tudo se foi céu-alto agora velha mente então Ah!

25 Abril de 1990

RETURN OF KRAL MAJALES

This silver anniversary much hair's gone from my head and I am the King of May/ And tho I am King of May my howls & proclamations present are banned by FCC on America's electric airwaves 6 A.M to midnight/ So King of May I return through Heaven flying to reclaim my paper crown/ And I am King of May with high blood pressure, diabetes, gout, Bell's palsy, kidneystones & calm eyeglasses/ And wear the foolish crown of no ignorance no wisdom anymore no fear no hope in capitalist striped tie & Communists dungarees/ No laughing matter the loss of the planet next hundred years/ And I am the King of May returned with a diamond big as the universe an empty mind/ And I am the King of May lacklove bouzerant in Springtime with a feeble practice of meditation/ And I am King of May Distinguished Brooklyn English Professor singing/ All gone all gone all overgone all gone sky-high now old mind so Ah!/

April 25, 1990

DIAS DE NAGASAKI: A FANTASIA DE QUALQUER UM

Caminhava pela rua e os pedaços
respingados da bomba de plutônio
todos por cima do Baixo Lado Leste
Não havia muitos prédios à esquerda
apenas esqueletos de aço
mantimentos queimados, buracos abertos às
águas de esgotos fétidos

Havia pessoas famintas que se
arrastavam pelo deserto
Os OVNIs Marcianos com raios
de luz azul destruidora
passavam por cima e secavam toda a
água

Alamedas de palmeiras Amazônicas
por centenas de milhas em ambos
os lados do rio

10 de agosto de 1978

NAGASAKI DAYS: EVERYBODY'S FANTASY

I walked outside & the bomb'd
dropped lots of plutonium
all over the Lower East Side
There weren't any buildings left just
iron skeletons
groceries burned, potholes open to
stinking sewer waters

There were people starving and crawling
across the desert
the Martian UFOs with blue
Light destroyer rays
passed over and dried up all the
waters
Charred Amazon palmtrees for
hundreds of miles on both sides
of the river

August 10, 1978

Notas aos poemas:

Improviso em Pequim

1. William Carlos Williams: poeta modernista norte-americano, autor de alguns poemas bastante inventivos pela forma e pelo linguajar. Parte do sucesso do livro "Uivo", de Ginsberg, se deve ao apadrinhamento de W. C. Williams, autor do texto de abertura.

2. I kick yuh eye: "Eu chuto a sua cara". O linguajar de Nova Jersey, cidade de predominância negra, uma das grandes capitais do jazz, deixou fortes marcas no inglês estadunidense e, especialmente, na poesia de Ginsberg. Veja-se, nesse sentido, os Whydja (Why do you), musta (must a) e hadda (had a), de Ahm Bum, incluído nesta seleção.

Kral Majales
(as notas que se seguem foram escritas pelo próprio autor no livro "Selected poems 1947–1995". NY: Penguim, 1996)

1. Kral Majales, Rei de Maio. Festival tradicional de maio, suspenso após a ocupação alemã anterior à Segunda Guerra Mundial. Manifestações estudantis persuadiram o governo tcheco a restabelecer a cerimônia de coroamento do Rei e da Rainha de Maio em 1965, a ocasião para uma massiva demonstração pública pela festiva população de Praga. Nomeado por estudantes de politécnicos, Ginsberg foi eleito o Rei de Maio por 100.000 cidadãos; os ministros da cultura e da educação fizeram objeções. Uma semana depois, detido em cárcere privado, com sua caderneta de anotações sobre Praga confiscada, o autor foi deportado de aeroplano para Londres. Poema escrito no caminho.

2. Kabir (1450?-1518): poeta-cantor benarês, iletrado, místico, tecelão, discípulo do santo Ramananda, comparável a Blake: "Se dissessem que o amor está sendo anunciado no mercado em troca da cabeça/ eu não pensaria duas vezes para cortar a minha cabeça e oferecê-la". (Sufis, Mystics and Yogis of India, trad. Bankey Behari [Bombay: Bharatiya Vidya Bhaven, 1962], p. 224). Leia poemas de Kabir também traduzidos por Tagore, Bly, Linda Hess.

3. Bouzerant: (gíria tcheca) homossexual.

4. E eu fui expulso de Havana: O autor foi deportado de Cuba em fevereiro de 1965 por causa da crítica pessoal na conferência que deu na Universidade de Havana, na qual Fidel Castro denunciava homossexuais e ordenava que purgasse a escola de teatro. Detido num quarto de hotel, tomado no cárcere privado da Casa de las Américas, que sediou ao longo do mês o debate da Poesia Interamericana, para o qual ele tinha sido convidado com o objetivo ajudar o júri, o autor foi expulso de aeroplano para Praga.

5. Josef K: veja Kafka, "O processo".

6. Bunhill Fields: principal cemitério de não-conformistas da Velha Londres. Lugar onde estão enterrados os ossos de Blake, lá também se encontram os túmulos de Daniel Defoe, John Wesley e Isaac Watts.

7. Hampstead Heath: "O último pedacinho de terra inculta e bosques, nos quais os velhos carvalhos foram protegidos pelas Patentes Reais no Norte de Londres, lugar freqüentado pelo pintor John Constable e o poeta John Keats, que escreveu 'Ode a um Rouxinol' numa casa que ainda se encontra nesse campo de urzes [heath] de Hampstead.

Ahm Bum

1. O poema aqui traduzido, embora estranho, procura manter as explosões das consoantes oclusivas, tarefa difícil em língua portuguesa, tão menos sintética que o inglês.

2. Gog e Magog: no velho testamento, duas nações lideradas por Satanás numa pavorosa batalha no Armagedom contra o Reino de Deus.

3. Ur: cidade da antigüidade situada às margens do Eufrates, onde hoje está o Iraque.

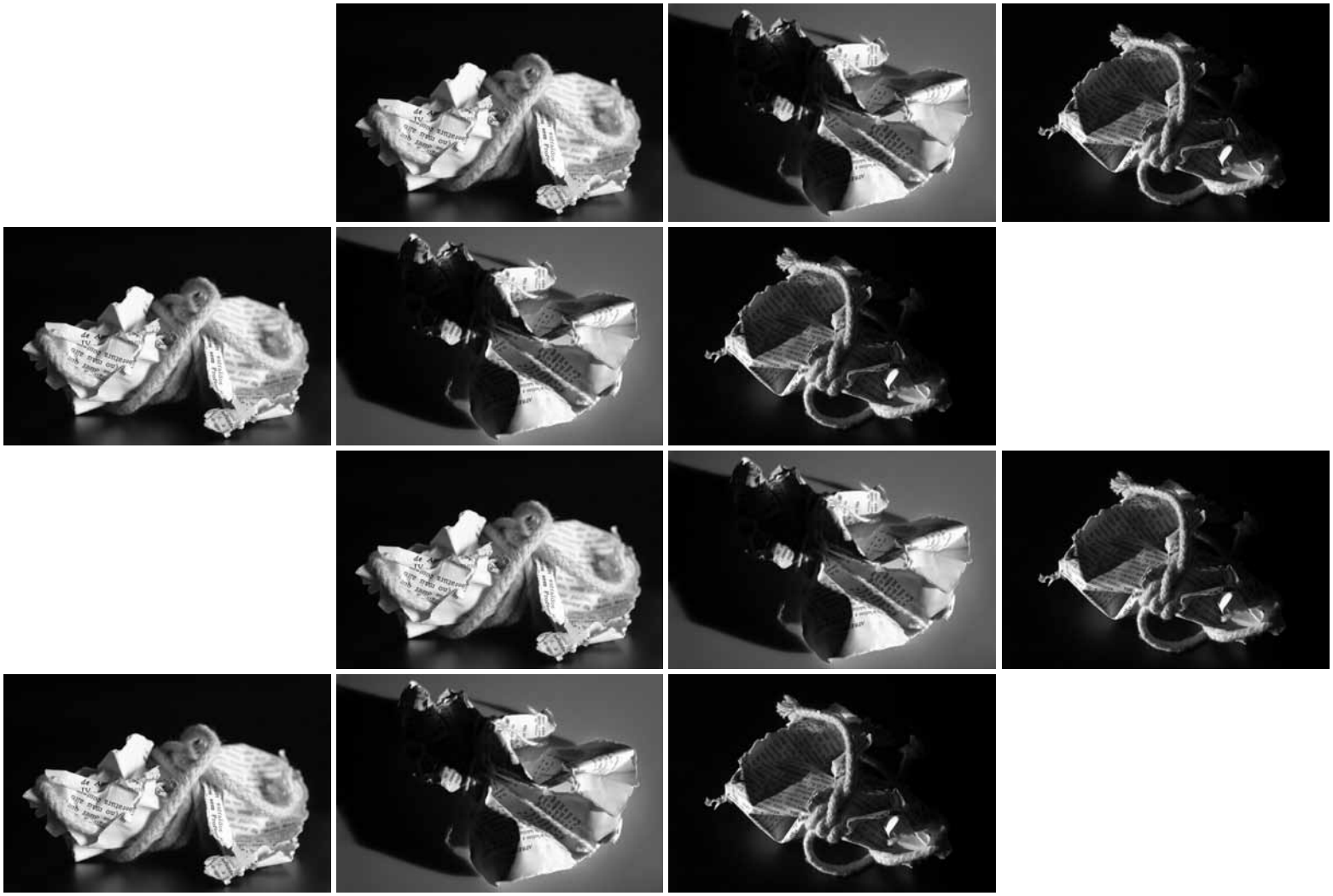
Notas às imagens:

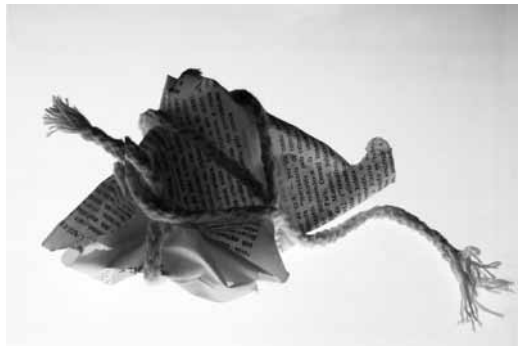
Página 4
Allen Ginsberg, com trono e coroa, posando à bordo da carroceria de um caminhão, rumo ao Prague Culture-Park para a eleição do Rei de Maio. Praga, 01/05/1965.

Página 11
Ilustração: Robert La Vigne.

tramas

marcelo terça-nada!





CLÁSSICOS
91
DE ANDE

quatro poemas

NAUFRÁGIO

Silêncio,
agora me destroço,
mastro retorcido,
casco arrebentado.

Meu nome encontra
o rosto da sereia cega
e decepada.

Meu nome encontra o nome
desse país provisório
entre a vida e a água.

Vértebras.

Pele furada.

Olho de baleia.

Agora é a minha deixa.

Coluna dolorida
tocando o abismo
desse céu inverso.

Incisão de agulhas de tricô.

Silêncio.
Agora me atravessam
pregos,
travessões.

Silêncio,
agora começou.

ABISMO 801

Ela sentada na cadeira de balanço

O pai, fumando na sala
(a fumaça se entretendo no pai)
o pai dentro da caixa
a caixa dentro do pai.

A mãe cega
tateando pela casa
com as cinco chagas de Cristo
e uma tesoura
a lhe fazer companhia

Do lado de fora somente
ela
Ela e o mundo entre
as
suas
pernas

Ela: a dança das leoas

Só muito tarde
o irmão pôde compreender
e viu os dedos
brilhantes borboletas
úmidas de casulo
e viu
asas
e viu
a manhã em rajadas

e viu

e nessa hora

caiu

UM SUÍCIDIO

A aranha
delicada
lambe-me
entre os dedos
e uma luva
de veludo negro
se espalha por todo o braço.

Do outro lado,
a outra mão,
pálida como a neve
sangra maçãs
sobre um bilhete
inacabado.

Não há espelho
ou beijo
que as despertem.

Paralisia.

SALA

Na sala do dentista
o crânio
de riso aberto
tudo observa,
lua amarela,
absorta
no real.
Maçã podre,
o pôster de um dente,
esmalte roxo no pincel
e uma mulher velha
de cabelos vermelhos.
Eu,
debaixo de uma língua
inexistente.
Eu,
dissolução.
A broca,
a anestesia,
a hemorragia
controlada em algodões.
Eu,
o outro.
A polpa
de sangue
da fruta sobre o prato,
um santo degolado,
a lua alva
envolta em cetim
branco,
sangrando.
Uma palavra
engasgada
envolta em gaze.
O outro
entreinstrumentos
mais próprios à poesia.
O outro
rindo,
máscara inquebrável.

novas diretrizes para a construção do livro

letícia féres

I.

o fato de o livro não conter palavras, mas somente alguns pequenos milhões de borboletas que necessitam da inspiração – e expiração – do leitor para voar, pode não ter alguma relação com a pintura de frida kahlo, as borboletas da infância, ou com as pequenas alegrias que rondam a vida. pode ser apenas uma forma de dizer: “relaxe! a vida é bela. vamos dançar uma polca?”, mas também é provável – é somente provável, não estou aqui para te dar certezas! – que tenha alguma relação com as proposições acima.

II.

o livro é feito a partir de um código de direito, reencadernado de modo que nunca seja possível saber se um dia ele pertenceu a um advogado, a um jurista ou a caryl chesmann – o que, neste caso, faria com que o valor do livro aumentasse significativamente. e não é isso exatamente o que queremos, não é verdade?

III.

o modo como o miolo do livro foi cortado faz com que ele se assemelhe a um daqueles livros com fundo falso, usados em filmes de suspense e nos poemas de joan brossa. mas você não precisa ser uma personagem desses filmes para lê-lo. tampouco é preciso fazer mágicas como o catalão. apenas é necessário que você tenha bons pulmões. o motivo já lhe será revelado. reze, confie e espere.

IV.

se o fôlego tem fugido nas últimas semanas, é recomendável que você inicie um programa de condicionamento físico a partir de hoje. será lastimável que sua leitura seja prejudicada por uma pequena falha de respiração. pessoas com enfisema pulmonar não estão aptas a ler o livro. fumantes farão uma leitura mais lenta. observe: não é necessário que você possua mãos. a existência de nariz e pulmões saudáveis, e de um amigo que posicione o livro sobre um lugar confortável, já é o bastante.

a vida em gliese 581c

joca reiners terron

nos últimos segundos fomos tudo
o que se segue:
primeiro
nós dois na guerra
não sei qual guerra
esta aqui mesmo & agora
sua cabeça coberta de sangue
aninhada no covil de meu ombro
& depois
muito depois
não sei quando
inundada pelo suor (da tarde?
de após o sexo? da febre?)
& então você
puta mexicana fantasma
coberta pela cruz
pelas lágrimas
& eu desaparecido no deserto
oculto pelo vazio negro sem cor da morte
& você adormecida sob a noite cobalto
desperta em sonhos para se ver cega
no espelho da sala
& os crisântemos caem
no céu sangüíneo de nuvens
meu colt sem balas & o vento vermelho
nas trincheiras (agora estamos na primeira
guerra) que diz algo cinza
& amorfo para mim
& ao mundo
algo que mantém acesas
as luzes da grande cidade
irradiando solidão
a cama feita & desfeita & o seu retrato
mudo à cabeceira morta
sem sonhos

& mais além
o tapete de flores & crisântemos
as folhas do outono sobrevoando
nosso sexo
confundindo-se às pérolas
& às cordas de meu coração
transplantado de hell angel que esteve
num pelotão de choque
em maio de 68
& de quem sempre lamentaram
não ter coração
nem nada nem máscara de lucha-libre
ele
o minotauro
ele
mr mystère:
meu coração de cicatrizes abertas
enquanto o b52 carrega suas bombas
para o pacífico
que ironia
mí nombre
es el corazón perdido
& aqui
& agora
nada mais que bombardeiros
detonando o céu
nada de mariachis
neste porta-aviões corsário
nada de seus dentes
trincarem o amor no ringue
a praia emoldura seus
braços & o mar é coadjuvante num filme
com você de super-sol
de super-galáxia
cujo centro é seu coração negro
que engole tudo
ao assassinar o sábado
o domingo a segunda-feira
a terça a quarta a quinta a sexta & todos os dias
outra vez & outra
& cigarros & isqueiros apagam & acendem 1 bilhão
de vezes & cinzeiros novamente
esvaziam & então
enchem de novo
& esvaziam como a metralhadora
da cordialidade de che
nas montanhas do norte
onde você nua & verde
feito nina simone
ateia fogo ao piano
do estacionamento encantado
onde carros conversam entre si
& perguntam de nós dois perdidos na floresta negra
nós dois de línguas amordaçadas & a aparição
relâmpago de hitchcock neste poema
& daí borrifões de ácido põem
minha beleza a perder (que merda)
mas só a vingança
só o tempo
só o corredor do hospital abandonado me farão retornar
pelas mãos de deus no crepúsculo
vindos de sing-sing com canções
de sinatra
nos lábios roxos
a frota de viaturas à nossa espera no cais
algemas de prata para mim
algemas de ouro
para você
jóias mais preciosas que pedras puras
da corrente sangüínea de iggy pop
& a tempestade então
nos redimirá
amor
cegando os tiras
& então nosso primeiro banho
de chuva
em liberdade
& daí sugarei seus dedos
dos pés com força

& dormirei em paz por 1 segundo
somente um instante de sonho sob a carne
de bogart
sob a pele de rin tin tin
& então acordarei
bem na hora em que nosso bebê alien
vem à luz
no banco traseiro de um cadillac
esquecido
no deserto de sonora
haverá vida em marte?
você me pergunta
haverá vida em gliese 581 c?
haverá vida na tatuagem de dragão devorando
o seu dorso?
você me pergunta
& a menina japonesa perfura os olhos do gato
& um caça a jato mergulha sobre nossas cabeças
& o cirurgião cego descarrega suas mausers
& explosões enrubescem a paisagem
& o caubói de olhos ofuscados pelo fim do mundo
hesita em sacar
& o vilão com a cara irrigada por varizes lilases
afoga fetos no Lago Ness
& veja só se não é nosso filho
o bebê-diabo
você então o acaricia
com seus dedos de lepra
& abandono
eu o esfaqueio na tempestade
& o seu sangue é levado
pelo vento & irriga um país que aflora no vazio
enquanto fugimos numa lancha de corrida roubada
em mônaco & depois você
& seus galgos gêmeos
duelam à beira da piscina no topo
do universo
& o mago de oz estala seus dedos
& a bocarraberta do demônio (eu) congela diante
da mocinha (você)
& tarzã chama a macacada
enquanto jayne mansfield baba gasolina
& o velho recolhe o pau em frente à tv & fecha a braguilha & limpa
a porra na toalhinha delicada da vovó enquanto
a vaquinha ao longe mu-mu-mu-muge
& teletubbies torram ao sol
olha o algodão-doce-doce
eles dizem
com sangue suor & lágrimas
nas mãos
olha o algodão-doce
sussurra o assassino
à espreita
quem quer pirulito?
anuncia o gângster em fuga
a pipoca tá quentinha
diz o índio apache a galope rumo ao sol doente
enquanto chovem
crisântemos & malvas & jasmins & coroas de cravos
(quanto de kitsch há nessas imagens
que me assaltam a mente
substituindo as lembranças?)
& a terra cobre nossas pálpebras
& chovem rosas na pracinha
onde nos conhecemos
depois daquela sessão
& foram tantos filmes
& para onde afinal retornamos
agora
onde nos conhecemos
agora
& foram tantos outonos
agora
& onde nos amaremos nunca
& foram tantos verões
depois daquela sessão
& onde fomos tantos tantos
& foram tantos invernos
depois daquela sessão
& onde era inverno então
é inverno agora
& sempre
num filme sem fim
durante aquela sessão

e nos próximos segundos
seremos tudo o que se segue:

das autovias livres para os aeroportos

introdução e traduções
reuben da cunha rocha

Os Estados Unidos são um país pródigo em criar seu próprio antídoto, a sombra equânime dos valores que nos silenciam o desprezo diante do tamanho desprezível do gigante. É claro que estou falando de contracultura, e é claro que contracultura não é um produto americano, apesar de sê-lo, mas é certo que ali, mais que em qualquer outro canto, o protesto e o inconformismo ultrapassaram mais visivelmente a barreira do rancor pra se tornarem esta espécie muito delicada de amor, este modo de dizer "Nós não somos assim", de alto alarde e de infinito eco. Ao mesmo tempo síntese e antítese do tempo que lhe serve de contexto, dedo apontado pras contradições que só cresceram quando cresceu a nação no século que leva seu nome, século 20, o século americano.

Kenneth Rexroth (1905 – 1982) parece ter durado o que dura um século, discreto antecessor daquilo que seria mais largamente reconhecido como a contracultura norte-americana, o auge da rejeição ianque a tudo o que soasse como seu e que pode ser esquematicamente situado entre as décadas de 1950-70. O zen budismo contra o protestantismo, o pacifismo contra o militarismo, as realidades alteradas contra o fordismo cotidiano – você sabe. Anarco-pacifista na América dos anos 40, firme opositor dos bambambãs do autoritário modernismo, tradutor e divulgador da poesia e do pensamento orientais no Ocidente, vinte anos antes dos anos 60, plena fé no amor e no erotismo como transcendência, quatro esposas e duas filhas.

Rexroth já era um veterano de relevante voz quando surgiram aqueles que seriam os expoentes, na poesia, do explosivo caldo cultural daqueles tempos – a poesia beat e a San Francisco Renaissance. Mestre de cerimônias da famosa leitura na Six Gallery (San Francisco, 1955, considerada o marco inaugural da geração beat), testemunha de defesa no processo que acusou Allen Ginsberg de obscenidade pela publicação de "Uivo", personagem de Jack Kerouac em "Os Vagabundos Iluminados" (Reinhold Cacoethes). Não foram raros também os ensaios e artigos de jornal que Rexroth dirigiu àqueles poetas, mais jovens uma ou duas gerações, mas em boa sintonia com certa capacidade de extrair beleza do desconforto que, como ele, parece ter atravessado o século.

Talvez seja isso, o desconforto, a matéria secreta de que se nutrem estes poetas tão distintos, quem sabe seja ele mesmo o tom que atravessa ainda certa poesia norte-americana, nada distante dos heróis das autovias livres da América, perfurando o coração de sonho daqueles dias. O desconforto que persiste, instalado, por exemplo, na brevidade lírica e no humor melancólico dos poemas de Bill Knott (Michigan, 1940), que, quando entrevistado por Robert Arnold e perguntado sobre o que o levara a começar a escrever, respondeu-lhe com outra pergunta: "Onde começou a minha tragédia?".

Após passar a infância pulando de orfanato em orfanato, aos quinze anos Bill Knott foi presenteado com uma estada de um ano num asilo pra doentes mentais, da qual guarda, sobretudo, os brancos de memória. Depois disso, trabalhou na fazenda de um tio, num hospital, alistou-se no exército, terminou como professor no Emerson College e, no meio de tudo isso, no final dos anos 60, publicou o primeiro de seus mais de quinze livros, todos inéditos no Brasil e disponíveis para download no endereço **http://billknott.typepad.com**. "De um inferno para outro", ele descreve, incluindo a poesia no catálogo de infelicidades. "As autoridades da poesia, seus supervisores, têm me tratado com o mesmo desdém e indiferença que as autoridades daquelas outras instituições. Talvez eu tenha me tornado poeta para isso, para continuar a receber a brutalidade à qual me acostumei quando jovem", diz na mesma entrevista. Apesar do tom e de sua verdade, Bill Knott tem construído uma carreira tão discreta quanto persistente, a qual, apesar de sua negativa, repercute no trabalho de poetas mais jovens, como o excelente Stephen Dobyns, descendentes do desconforto que ele próprio repercute e que não cede, fechadas as autovias e redobrada a segurança nos aeroportos.

kenneth rexroth

Os Estados Unidos são um país pródigo em criar seu próprio antídoto, a sombra equânime dos valores que nos silencia o desprezo diante do tamanho desprezível do gigante. Kenneth Rexroth, ativista anarquista na América na década de 1940, primeiro opositor dos bambambans do autoritário modernismo, tradutor e divulgador do Oriente no Ocidente vinte anos antes dos 60's, plena fé no amor e no erotismo como transcendência.

foto: Nat Farbman, 1957

UMA ESPADA NA NUVEM DE LUZ

Nos damos as mãos, vamos lá fora
Ver as multidões na véspera de Natal
Na Filmore Street, no bairro
Negro. A noite fica espessa com a geada.
As pessoas se apressam, emaranhadas
No hálito fumacento. Em frente
Às vitrines do comércio as crianças
Se amontoam, exibindo brilho
Nos olhos. Papais Noéis tocam sinos,
Carros engarrafam e buzinam. O bonde apita.
Auto-falantes no topo dos postes
Cantam hinos, no jukebox
De um bar Louis Armstrong
Toca "White Christmas". A stripper
Dança no puteiro, agredindo com a cintura
O "Jingle Bells". Mais acima
Os luminosos escrevem e
Apagam e escrevem novamente
Mensagens de avareza,
Gozo, medo, higiene, e os nomes
Orgulhosos da classe média.
A lua se parece com um pudim.
Nós paramos num canto agitado
E olhamos pra cima, em diagonal,
Na direção da lua crescente,
Da solene e ordenada vastidão
Das constelações de inverno.
Tu dá o toque, "Lá vai Órion!"
O objeto mais bonito
Que qualquer um de nós jamais
Verá no mundo ou na vida
Se exibe no vazio dos céus iluminado
Pela lua, acima do enxame
De homens, mulheres e crianças, negros
E brancos, alegres e tristes,
Maus e bons, vendedores e
Compradores, algozes e vítimas,
Juntos neste teorema imenso
Que acaso resolvido de uma vez

Resolveria o mistério e a dor
Escondidos sob o brilho dos sinos.
Ali está ele, o homem
Da véspera de Natal, esparramado
No céu como verdadeiro deus
No qual seria necessário
Crer apenas
Um pouco. Tenho 50 anos
E tu tem cinco. Não faria bem
Algum dizê-lo e quem sabe
Escrevê-lo também não o faça.
Acredita em Órion. Acredita
Na noite, na lua, no planeta povoado.
Acredita nessa data e nos
Aniversários e coelhos da Páscoa.
Acredita em cada um dos fugidios
Elementos da natureza, condenados
Todos a decair e desaparecer.
Olha sempre com verdade pra estas coisas.
Elas são tudo o que há. Nunca
Abandona essa religião selvagem
Em favor das abstrações civilizadas
E ensopadas de sangue dos canalhas
Que vivem apenas pra nos ver morrer.

A SWORD IN A CLOUD OF LIGHT

Your hand in mine, we walk out/ To watch the Christmas Eve crowds/ On Fillmore Street, the Negro/ District. The night is thick with/ Frost. The people hurry, wreathed/ In their smoky breaths. Before/ The shop windows the children/ Jump up and down with spangled/ Eyes. Santa Clauses ring bells,/ Cars stall and honk. Streetcars clang./ Loud speakers on the lampposts/ Sing carols, on juke boxes/ In the bars Louis Armstrong/ Plays "White Christmas". In the joints/ The girls strip and grind and bump/ To "Jingle Bells". Overhead/ The neon signs scribble and/ Erase and scribble again/ Messages of avarice,/ Joy, fear, hygiene, and the proud/ Names of the middle classes./ The moon beams like a pudding./ We stop at the main corner/ And look up, diagonally/ Across, at the rising moon,/ And the solemn, orderly/ Vast winter constellations./ You say, "There's Orion!"/ The most beautiful object/ Either of us will ever/ Know in the world or in life/ Stands in the moonlit empty/ Heavens, over the swarming/ Men, women, and children, black/ And white, joyous and greedy,/ Evil and good, buyer and/ Seller, master and victim,/ Like some immense theorem,/ Which, if once solved would forever/ Solve the mystery and pain/ Under the bells and spangles./ There he is, the man of the/ Night before Christmas, spread out/ On the sky like a true god/ In whom it would only be/ Necessary to believe/ A little. I am fifty/ And you are five. It would do/ No good to say this and it/ May do no good to write it./ Believe in Orion. Believe/In the night, the moon, the crowded/ Earth. Believe in Christmas and/ Birthdays and Easter rabbits./ Believe in all those fugitive/ Compounds of nature, all doomed/ To waste away and go out./ Always be true to these things./ They are all there is. Never/ Give up this savage religion/ For the blood-drenched civilized/ Abstractions of the rascals/ Who live by killing you and me./

ENTREGUERRAS

Lembra daquele café da manhã de novembro –
Uvas pretas frescas conservando o cheiro
Suave do plástico que as embalava,
A pele branca dos pães ainda quentes
E o doce duro feito mel dos chocolates?
As festas à noite; o gim e o tango?
Cabelos partidos ao meio, abotoaduras perdidas,
Pra onde foi tudo isso,
As meninas lindas, as horas abandonadas?
Eles nos chamavam de perdidos, imorais malucos
Atrapalhando os planos da gerência.
Hoje, milhões e milhões, trancados ainda vivos
No caixão da conveniência,
Levando porrada depois de enterrados,
Se amontoando nos porões da ruína, disputando
Entre si sua própria carne mutilada.

BETWEEN TWO WARS

Remember that breakfast one November —
Cold black grapes smelling faintly
Of the cork they were packed in,
Hard rolls with hot, white flesh,
And thick, honey sweetened chocolate?
And the parties at night; the gin and the tangos?
The torn hair nets, the lost cuff links?
Where have they all gone to,
The beautiful girls, the abandoned hours?
They said we were lost, mad and immoral,
And interfered with the plans of the management.
And today, millions and millions, shut alive
In the coffins of circumstance,
Beat on the buried lids,
Huddle in the cellars of ruins, and quarrel
Over their own fragmented flesh.

COMETA HALLEY

Quando tu for mais velha
E o grande cometa voltar
Te lembra de mim, um menino
Acordado no calor da noite,
De pé sobre o berço, olhando
A estrela de cabelos compridos
Há tantos anos.
Sai na escuridão e vê
Suas plumas sobre a água,
Pingos na noite líquida,
E pensa que a vida e a glória
Também vibraram na pressa
Da minha corrente sanguínea
E na dos outros antes de mim,
todos
Afluentes ancestrais do rio
Que agora corre em tuas veias.

QUIETO

Me deito quieto do teu lado,
O rosto contra as coxas quietas, firmes,
A música de Boccherini
Correndo sobre nossa calma
Enquanto o sol abandona os telhados
E desce até o Pacífico, quieto –
Tão quieto o sol além de nós,
Tão quieto como o sol sempre se vai,
Quietos nossos corpos, vestidos
Com o tempo e a penitência do amor,
Nossas cabeças adormecem nos abrigos,
Os corações demorados, seguros
Da sincronia dos seus ritmos, a pulsação
Da tua coxa acariciando o rosto. Quieto.

HALLEY'S COMET

When in your middle years
The great comet comes again
Remember me, a child,
Awake in the summer night,
Standing in my crib and
Watching that long-haired star
So many years ago.
Go out in the dark and see
Its plume over water
Dribbling on the liquid night,
And think that life and glory
Flickered on the rushing
Bloodstream for me once, and for
All who have gone before me,
Vessels of the billion-year-long
River that flows now in your veins.

QUIETLY

Lying here quietly beside you,
My cheek against your firm, quiet thighs,
The calm music of Boccherini
Washing over us in the quiet,
As the sun leaves the housetops and goes
Out over the Pacific, quiet –
So quiet the sun moves beyond us,
So quiet as the sun always goes,
So quiet, our bodies, worn with the
Times and the penances of love, our
Brains curled, quiet in their shells, dormant,
Our hearts slow, quiet, reliable
In their interlocked rhythms, the pulse
In your thigh caressing my cheek. Quiet.

RETRATO DO AUTOR QUANDO JOVEM ANARQUISTA

1917-18-19,
Enquanto o mundo mudava na Europa,
Nosso termo preferido pra desprezo
Era “bushwa”. A pronúncia estava certa,
Mas pensávamos ser “bosta” em francês.
Eu morava em Toledo, Ohio,
Na Delaware Avenue, a fronteira
Entre o bairro rico e o pobre.
Brincávamos na floresta perto do rio
E no campo de golfe do Ottawa Park.
Havia dois tipos de garotos, diferentes
Em tudo: os moleques ricos que carregavam
Os tacos e os pobres que roubavam as bolas.
Eu pertencia ao grupo dos sobreviventes,
As exceções que após os dias negros,
durante os chuvosos,
Cagavam escondido nos buracos do campo.

PORTRAIT OF THE AUTHOR AS A YOUNG ANARCHIST

1917-18-19,
While things were going on in Europe,
Our most used term of scorn or abuse
Was “bushwa.” We employed it correctly,
But we thought it was French for “bullshit.”
I lived in Toledo, Ohio,
On Delaware Avenue, the line
Between the rich and poor neighborhoods.
We played in the jungles by Ten Mile Creek,
And along the golf course in Ottawa Park.
There were two classes of kids, and they
Had nothing in common: the rich kids
Who worked as caddies, and the poor kids
Who snitched golf balls. I belonged to the
Saving group of exceptionalists
Who, after dark, and on rainy days,
Stole out and shat in the golf holes.

bill knott

Reprodução

William Knott (Michigan, 1940) publicou mais de quinze livros de poesia, todos inéditos no Brasil e disponíveis para download no endereço http://billknott.typepad.com/. Quando em 2007 lhe escrevi perguntando se poderia publicar algumas traduções de seus poemas num jornal, respondeu: "Dear Reuben, you can do whatever you will with my work. I can only thank you. Bill."

DESTINOS ALTERADOS

E se bem no
meio de uma batalha
o vento atravessando o campo
espalhasse milhares
de bilhetes de loteria, e aí?

ALTERNATE FATES

What if right in
the middle of a battle
across the battlefield the wind
blew thousands of
lottery tickets, what then?

MAU HÁBITO

Uma vez por dia,
todo dia,
pra me certificar de minha
incompatibilidade facial com Deus,
dou um sorriso.

BAD HABIT

At least once a day,
everyday,
to ensure that my facial
compatibility with God's is nil,
I smile.

RODAPÉ

Nós habitantes da terra
nossos amores e guerras
dificilmente constarão
nas memórias da lua.

FOOTNOTE

All of us who lived on earth
and all our loves and wars
probably won't appear much
in the moon's memoirs.

CONSELHO DE ESPECIALISTA

Eu me deito na rua vazia e estaciono
Meus pés contra o meio-fio enquanto
Empoleirado na borda do prédio acima
um bando de bestas grita não, não pule.

ADVICE FROM THE EXPERTS

I lay down in the empty street and parked
My feet against the gutter's curb while from
The building above a bunch of gawkers perched
Along its ledges urged me don't, don't jump.

[SEMTÍTULO]

espantalhos espantam
os peixes nas pistas
de pouso do aeroporto
ah se ao menos eu
fosse talentoso desse jeito

[UNTITLED]

scarecrows placed on
the airport runways
to frighten the fish
away ah if only I
were as admirably tasked

ROTINA

Mantenho uma TV sobre o peito
pra que todos que se aproximem
consigam ver eles mesmos
e responder apropriadamente.

THE DAILY ROUNDS

I keep a TV monitor on my chest
so that all who approach me
can see themselves
and respond appropriately.

PLANO DE FUGA

Examino
minha pele

procurando
pelo poro

com SAÍDA
escrito

ESCAPE PLAN

I examine
my skin

searching for
the pore

with EXIT
over it

dois poemas

júlia studart

NÓDOA

Ainda moro aqui,
disse
E como manter controle
sobre o desastre?

O cheiro
da memória
é esta nódoa na mão direita
e as coisas no lugar
por tanto tempo

Parou de chover,
disse

(E o que tem a chuva
a ver com tudo isso?)

O país está em guerra
tem uma nódoa
na tua mão direita
e um cheiro forte
Não dá pra ter controle
sobre o desastre
E Sar-i Pol ainda fica
muito longe daqui

O teu cabelo os teus olhos,
repetiu

AURORA

Ela,
não é que não saiba,
avalia um sem fim de coisas
quando me olha vesga
quando nos olhamos, vesga
olhos redondos de coruja
olho sagaz de Atena

gosta de espelhos, canetas
e insetos de chuva
o banho dormindo
a boca miúda que escava o corpo
contorcido
desabotoado
alguns espasmos
e demora

a bronquite range o dia
a baba cheira mau

Ele,
um deserto inteiro nos olhos
esmaga gotas
enquanto ela se banha lenta
aos primeiros sinais
dos dedos róseos
de Aurora

conversa com sérgio fantini

por **bruno brum**

foto: Lucas Sallum

Sérgio Fantini, nascido em Belo Horizonte em 1961, é um dos mais expressivos escritores da sua geração. Estreou como poeta em 1979, e, desde então, publicou um total de treze livros, entre prosa e poesia, e participou de diversas antologias e revistas literárias. Dono de um texto preciso e objetivo e, ao mesmo, tempo capaz de uma hábil mescla de recursos poéticos e narrativos, Fantini se encontra entre os escritores que podem se dizer livres de rótulos e amarras. Em um dos seus contos mais recentes, um personagem diz ser "apenas um cronista menor deste meu tempo estranho". Talvez aí, com seu apego à vida, sem ser banal, atento às questões corriqueiras, mas com uma invulgar consciência de linguagem – resida seu valor maior.

A entrevista que se segue foi realizada em fevereiro de 2009, e registra os trinta anos da publicação do seu primeiro livro, "No lar dos inseguros". Foram abordados assuntos referentes à trajetória do escritor, seus livros, parcerias, seu trabalho como agitador cultural e funcionário público e seus planos para o futuro.

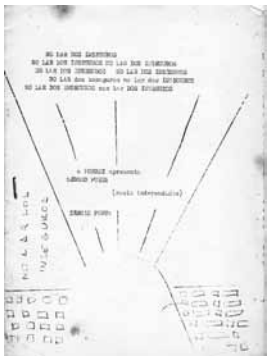
Em 2009 se completam trinta anos da publicação do seu primeiro livro, "No lar dos inseguros", editado de forma independente e com um esquema de divulgação muito parecido com o que faziam poetas como Chacal, Nicolas Behr, entre outros. Como foi sua chegada ao primeiro livro? Antes desse livro, você publicou alguns zines. Existia uma cena de escritores em atividade aqui em Belo Horizonte com os quais você mantinha contato?

Certamente, havia gente ocupando espaço na cena em BH, mas minha iniciação foi basicamente individual: em 1976, trabalhava na Fundação de Educação Artística e, um dia, imprimi em xerox uma dúzia de exemplares de um folheto, "O Cancioneiro", com quatro poemas com o tema "vinho": eu, Manuel Bandeira, Omar Khayan e Beatriz Marques. Colegas de escola gostaram da idéia e, nos próximos dois ou três anos, fizemos mais algumas edições com nossos textos e desenhos, além de formar um grupo de música e de teatro, que se apresentou em alguns festivais estudantis. Nesse embalo, fizemos nossos primeiros livrinhos, eu, Zanja e Byu. Só aí, em 1979, fazendo circular "No lar dos inseguros", comecei a conhecer outros escritores: Carlos Herculano Lopes, Sebastião Nunes, Alexandre Marino, Régis Gonçalves, Afonso Borges, Antônio Barreto, Paulinho Assunção, Thaís Guimarães, Esther Maciel, Wanderley Batista, Nicolas Behr, Marcelo Dolabela e muitos outros. Até 1985, editei outros seis livrinhos, sempre por conta própria e vendendo no mano-a-mano.

Nesse momento, como era o intercâmbio com escritores de outras cidades? Você chegou a lançar seus primeiros livros ou a participar de algum evento fora de Belo Horizonte, nessa época?

Eu sempre fui um missivista dedicado, sempre procurei me corresponder com quem fosse possível. Em 82, travei amizade com Leila Míccolis, no Rio, onde fui participar de alguns eventos a seu convite. Era uma época em que eu recebia correspondência todos os dias; no sábado, pegava minha Olivetti Studio 44 e respondia a tudo. A partir desse movimento, sim, passei a me corresponder com escritores de quase todo o Brasil. Hoje continuo trocando intensa correspondência via internet (agência de correio? O que é isso?). O gaúcho Ernani Ssó, ótimo escritor, é desses amigos virtuais com quem converso diariamente.

Nos seus primeiros livros, predominam poemas mais longos e verborrágicos, com a temática girando em torno de uma lírica urbana, algumas questões políticas e também alguns poemas de amor, ao contrário de boa parte dos poetas identificados com a geração



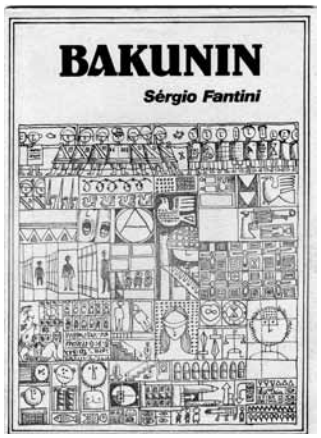
1979-1981: os primeiros livros. Poemas longos, com a temática girando em torno de uma lírica urbana, questões políticas e libertárias e poemas de amor.

mimeógrafo ou com a poesia marginal, entre os quais prevalece uma dicção oswaldiana e a predileção pelos poemas extremamente curtos. A partir dos livros "Bakunin" (1983), "Palpites ltda" (1984) e, mais explicitamente em "Carapuá" (1985), seus poemas se tornam mais curtos e, ao mesmo tempo, dotados de uma ironia que beira o ceticismo. Quais foram suas principais referências enquanto escritor ao longo desses anos iniciais, e como as transformações foram se operando no seu texto?

As referências foram as universais, aqueles poetas que todos nós lemos via escola ou, no meu caso, devido à paixão por bibliotecas. Sempre dialoguei na minha escrita, e ainda hoje isso é bastante forte, com meus contemporâneos. E como não tive qualquer orientação nesse início, escrevia apenas/tudo – e não era pouco o volume – o que me dava na cabeça, era um poeta "inspirado" à beça. No final de cada ano, tinha uma média de dez cadernos completos: selecionava o que me parecia melhor e fazia um livrinho. Porém, sim, você observou bem: a partir de um certo momento, me tornei obsessivo pela economia de palavras, e isso se refletiu nos livrinhos que você citou. E isso era resultado de duas, digamos, angústias: a descrença no meu manancial de temas a serem usados em versos e uma forte necessidade de escrever prosa.

Falando sobre si mesmo, certa vez você escreveu que sua história é "uma história de, principalmente, parcerias…". Gostaria que você comentasse algumas dessas parcerias, as que considera importantes em sua trajetória.

Como disse antes, uma iniciativa pessoal acabou se transformando em um grupo artístico, que deu em meu primeiro livro (e isso, menos literária que existencialmente, foi fundamental para o caminho que segui até agora). A partir daí, tudo que fiz foi de modo coletivo. O grupo Canções (Byu, Ivinho Lopes, Zanja, Bia Marques, Zete, Graça, Marcílio Diniz, Marcinho Dolabela, Beré…), já citado. O grupo que fazíamos os varais de poesia na Praça da Liberdade, nos domingos de Feira Hippie, e que também organizou a Guerrilha Poética (ver memória em *http://www.marino.jor.br/nostalgia.htm*). O trabalho como ator e depois co-autor e diretor com o grupo de teatro Pinta & Borda, do Rodrigo Leste, precursor do mano-a-mano em BH, ao lado de Luiz Carlos Garrocho, Weiss, Gazzinelli, Luiz Maia, Humberto Guimarães, desenhistas que também fizeram a antológica revista de quadrinhos "Meia Sola", com Mário Vale, Benjamin, Roberto Wagner e outros, em edição de Mário Drumond. Os poetas Alexandre Marino, Raimundo Carvalho, Markus Lunán, Gijo, Li Egg, Luci Soalheiro, Avanilton Aguilar e outros, com quem fizemos dezenas de recitais em BH, a partir de um encontro no Festival de Inverno de Diamantina, em 81. Com Ricardo Aleixo, artista que atua em várias áreas, tenho realizado performances, oficinas, palestras e eventos diversos e prosa. Além disso, como funcionário público, tudo o que fiz, e não foi pouco, na área de cultura da prefeitura, pela cidade,



1983-1985: a obsessão pela economia de palavras e uma radical transformação na temática dos poemas, que se tornam mais ácidos, irônicos e céticos. São também os últimos livros de poemas inéditos publicados pelo autor.

foi um grande e prazeroso exercício de estar ao lado, construir junto, criar e obter resultados coletivamente.

Enquanto artista, o que você tem a dizer dessa experiência, trabalhar no órgão gestor da cultura da cidade e de ter participado da organização de diversos eventos de grande importância?

No ano em que entrei na PBH, lancei "Carapuá", meu sétimo livrinho, em parceria com Humberto Guimarães, que fez a capa e as ilustrações; antes, os parceiros capistas foram Luiz Maia, Rosa Fantini e Júlio Bernardes. E retrocedendo: com a turma que havia em Sabará, onde eu passava as férias e os fins de semana desde a infância, fiz recitais e exposições em bares e coretos. Portanto, estar no "aparelho do Estado" foi uma oportunidade de, em âmbito ampliado, continuar fazendo aquilo que sempre fiz: criar e realizar atividades de arte. O artista sempre conviveu muito bem com esse lugar. A pior dificuldade é a necessidade de se passar pelas normas burocráticas que existem para preservar a instituição, o que, muitas vezes, é um impeditivo, ou quase, para a realização de alguma política cultural – motivo de existência da própria instituição.

Muitos dos eventos dos quais você participou/organizou foram realizados a partir das parcerias das quais falamos há pouco. Vários deles aconteceram única e exclusivamente devido à mobilização dos próprios escritores, sem apoios ou patrocínios. Como é, para você, vivenciar formas de produção tão díspares, de um lado como funcionário público que participa da organização de grandes eventos culturais no município e, de outro, como agitador cultural em contato com toda uma cena independente?

Como eu disse: há que se ter visão e comportamento bastante claros e objetivos: há o escritor/agitador, que já tinha um consistente repertório de parcerias e ações antes de assumir o papel de agente público; e este, que deve estar sempre consciente de que ocupa um lugar dentro de uma estrutura que existia e existirá a despeito de sua passagem por ali. A contribuição para a cidade é a mesma, mudam o instrumental e a dimensão.

Há bastante tempo você mantém contato com escritores de outras cidades. Seu livro "Coleta seletiva" (2002) foi publicado pela editora paulista Ciência do Acidente, e seu livro mais recente, "A ponto de explodir" (2008) também teve lançamento na capital paulista. Já pensou em morar fora de Belo Horizonte?

Morei fora de BH em três oportunidades: em Alfenas, a convite do poeta Eloésio Paulo, que dirigia o jornal local, trabalhando como repórter e articulista; em Sabará, como assessor da prefeitura e presidente da Fundação de Cultura; e, no Rio de Janeiro, como assistente de Leila Míccolis, na organização do Catálogo da Imprensa Alternativa Brasileira. Se surgisse, hoje, uma proposta de trabalho fora de BH, eu analisaria com

Os livros "79/97" e "Coleta Seletiva", publicados respectivamente em 1997 e 2002, recolocaram em circulação parte da produção poética de Sérgio Fantini.

muita tranquilidade, mas morar em outro lugar só para não estar aqui, não. Esta é a minha cidade, onde estão minha família, meus amigos, meu trabalho, meus projetos.

A partir de 1991, com a publicação da novela "Diz Xis", você passou a se dedicar à prosa. Como foi essa mudança? Já escrevia prosa há mais tempo ou passou a escrever nessa época mesmo?

Eu consegui escrever prosa que me satisfizesse apenas em 85. Antes, eu tentava e, por uma feliz precoce autocrítica, achava tudo muito ruim. Só mais tarde entendi o que me atrapalhava tanto: meu modelo preferido era a crônica, de que ainda gosto muito. Quando o poeta Luiz Carlos Junqueira Maciel, à época disfarçado de professor de cursinho, me apresentou Charles Bukowski, entendi por onde eu poderia me entender melhor com a prosa. Não coincidentemente, é o período em que os poemas estavam reduzidos ao mínimo essencial, ano de "Carapuá", livrinho que não deve ter duzentas palavras, incluída epígrafe de Darcy Ribeiro.

Isso mudou muito sua forma de trabalhar e encarar seu próprio texto? E em relação ao público, notou alguma mudança?

Sem dúvida, o escritor é outro. Apesar de os primeiros contos estarem embebidos de voz poética e o contista ter cacoetes do eu lírico, no caso, eu mesmo, logo entendi que a prosa requeria uma visão mais objetiva sobre ela, e que assim deveria ser. Transformei o poeta em prosador. E ele trouxe para a prosa o máximo de ferramentas que cabiam na mochila, e, sempre que possível, as usa. O que antes se transformava, de súbito, em verso, hoje é calmamente ruminado e pode vir a ser um título, uma cena, uma fala, uma história, ou apenas ser descartado. Quanto ao público, posso distinguir duas opiniões: há quem tenha sido marcado pelo poeta, e há admiradores do prosador, que não se importam ou nem conhecem minha poesia. Mas, como afirmei na epígrafe de "Bakunin", me interessam mesmo os interlocutores.

Você publicou dois apanhados da sua poesia: "79/97" (blackMaria, 1997) e "Coleta seletiva" (Ciência do Acidente, 2002). Depois disso,

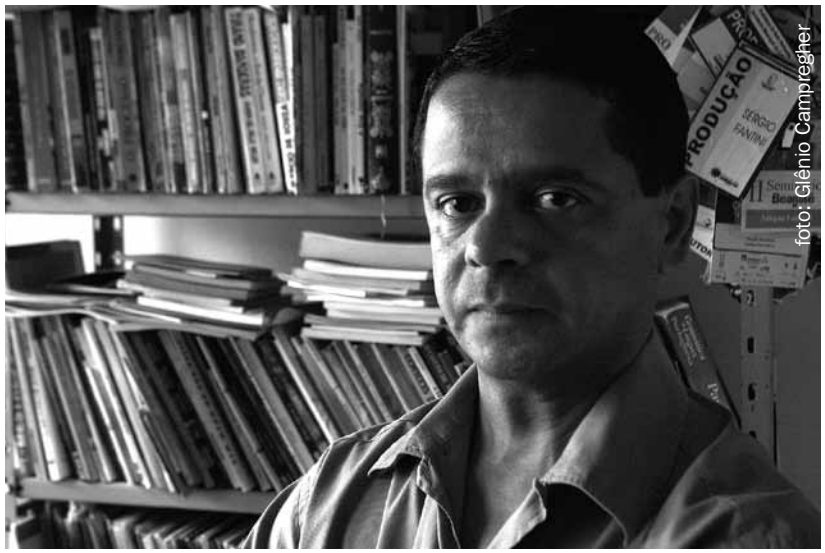
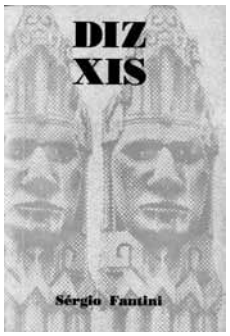


foto: Gênio Campregher



A necessidade de escrever prosa: a partir de 1991 o autor passa a se dedicar à narrativa, e desde então já publicou quatro livros, sendo o mais recente intitulado "A ponto de explodir", de 2008.

muitos pensaram que você não voltaria a publicar mais poemas. No entanto, no seu livro mais recente, "A ponto de explodir" (Uainote, 2008), você publicou o poema "Diário do Inclame", dedicado a Sebastião Nunes. Pensa em publicar um novo volume de poemas no futuro?

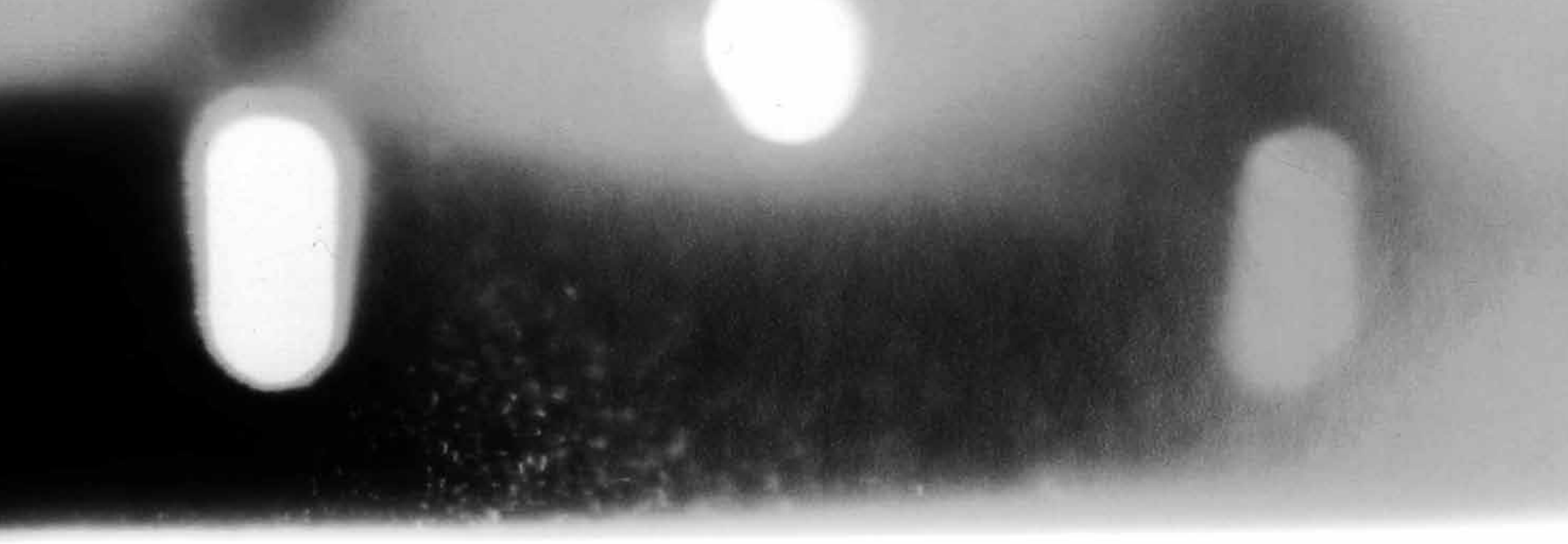
Prefiro pensar no "Diário do Inclame" como um conto-poema, como definiu Jaime Prado Gouvêa na orelha do livro. "Deínha", "Feijoada", "A Rainha do Egito" e "Camping Pop", contos do mesmo livro que têm, para mim, a mesma carga poética que você vê no Diário. É o instrumental a que me referi antes: muitas vezes o texto, ou antes, a sua idéia, exige uma forma mais íntima do verso e dos recursos da poesia que aqueles mais comuns à prosa.Tenho poemas antigos, inéditos, e alguma coisa mais recente, mas, no momento, não penso em publicar. É material a ser novamente investigado, reciclado. Isso precisa passar ainda boa temporada na lanternagem.

Você é um autor que, dentro de um determinado circuito, circula bastante. Participou de diversas antologias e eventos importantes, mantém parcerias com artistas de diversas áreas, além de ter treze livros publicados. Até que ponto acredita na importância de uma boa divulgação para o trabalho do escritor? A exemplo de diversos escritores contemporâneos, já pensou em ter um blogue?

Divulgação deve ser sempre a melhor possível, mas seu objeto é o livro (ou o produto do artista), não o autor. É direito das pessoas se divulgarem, mas não é de minha índole a autopromoção, o marketing pessoal. Como faço meus livros por conta própria, "dubolso", divulgo em círculos bastante restritos: amigos, eventos a que sou convidado e aquilo que a imprensa, de forma espontânea, atinge. O mercado do livro é cheio de contradições, e há falhas gritantes na cadeia produtiva, o que faz com que autores acabem sendo mais divulgados que sua obra. Começa a ser mais discutida vida literária que literatura. Quando tenho tempo, leio blogues dos amigos, me divirto e me informo, mas se quisesse ter um, passaria muito mais tempo que o razoável sentado ao computador. E teria que ter algo a dizer fora da minha literatura. Prefiro deixar pra lá.

Quais são seus próximos planos? Algum novo trabalho em preparação?

Ano passado, o diretor de animação Sávio Leite lançou o curta "Terra", baseado em poema e co-roteiro meus. O filme entrou em dezenas de festivais Brasil e mundo a fora. Foi uma experiência muito satisfatória. Ainda em 2008, terminei a primeira versão do roteiro de um curta experimental com o diretor Sérgio Vilaça, baseado nos meus contos "Suíte Bar". Neste momento, trabalho em novo projeto com o Sávio. O diálogo constante com o escritor e roteirista Marçal Aquino me faz olhar para as possibilidades do cinema com muito bons olhos. É mais uma maneira de utilizar o aprendizado com a prática literária em um suporte novo para mim, um desafio de criação.



incorporo a retina

guilherme rodrigues

incorporo a retina!

meu olho olha
meu corpo de fora

meu corpo visa
a um corpo-retina

meu olho é olho
e o que incorpora

meu corpo
é o olho
do corpo
que visa

meu olho olha
à fresta-
retina:

o olho-corpo
do corpo
que é visto:

à vista deste corpo baço,
limpa com a própria mão do corpo
sua pupila:

meu olho é olho
e o corpo que vê

que só é corpo
de um olho que sinta

meu olho é corpo
e o olho que é visto

meu corpo é o olho
de um corpo que é meu

a retina me
incorpora!

meu corpo pára
a um olho estranho

que, por ser olho,
tem um corpo vivo

que, por ser outro,
é um olho estranho

e, por ser corpo,
mais estranho ainda

e, por ser olho,
trás a si meu corpo

e olha do escopo
o meu corpo todo

e o meu olho,
em corpo, ou olho-corpo

capta o outro olho –
corpo ainda:

– capturado, corpo,
por meu olho

que incorpora
à sua retina

me incorpora
à retina!

alterar a retina!

alterar à retina!

alterar-se à retina!

MOBY DICK

braços e pernas inchados, baleias
arpoadas de inverno, brancas do
pouco sol, anfitriões dum aguaceiro
mal misturado que dilui o conforto da
minha alma infantil, ornamentando-a de
esconderijos sintéticos, de bolhas por
estourar, de formigueiro que não se afoga
enquanto enche com seu calor cada
centímetro aquático de veia, aterrando-
me até meu nado monstruoso gritalhar,
afugentando os panapanás, deixando o
futuro inflamar, dando-me a imensidão dos
mares e, no último segundo, agrilhoando-
me em toda sua ressaca

quatro poemas

paulo scott

ROTEIRO BÁSICO PARA FABRICAR SEREIAS

piso na areia, percebo o bilhete laranja espetado no graveto seco, “escolha um dia de verão em que a água esteja muito fria, aguarde até que uma menina (dessas com menos de nove anos, com os ossos ainda tenros) entre no mar, sem que haja alguém por perto, e, sem desvestir as roupas, entre no mar e a carregue pela cintura, nadando rápido até os dois desfalecerem; ela se tornará sereia”, dobro o bilhete e o enfio no bolso, evito encarar o oceano, algo me aguarda nas espumas da rebentação

GRUPO ESCOLAR APAIXONADO POR RESTAURANTE

soube que lhe deram um novo apelido: dino
então, tudo bem, você repetirá o bufê pela quinta vez

o código que inventamos não funciona
lamento que você não consiga parar

restos de comida voam sobre nossas cabeças
e nossos amigos riem pra valer durante esta guerra

o dono ameaça quebrar a vidraça para a polícia entrar
condimento de gás e cães para desmanchar trilhas de feijões

nossas calças xl cumprirão a penitência
antes, porém, canetas quatro-cores serão armas

o colega mais velho tem catorze anos e manchas de se pendurar
o sabonete em meu prato tem metade de um número sem cicatriz

um de nós será karatê e também fabuloso porta-jóia:
gritará que sua mulher se tornou as letras vogais da palavra ansiedade

HOMEM DE LATA

trincos de janela abotoam a leveza de nossos pormenores
nesse formigamento-porcelana que não se segura no peito
e é a prova de que o amor pode ser mesmo o deserto
mal rabiscado no tapete da sala que levamos conosco
todas as vezes em que esperançar se torna punição
e ensopamos com álcool nossas roupas de festa para zanzar
nas ruas mais sem graça do centro da cidade atrás de jornais
revistas, postais de praia e de alguém que cuspa fogo

fôlego-fátuo

fabrício marques

1.

Respiro por aparelhos

2.

O corpo em desacordo com o dia
Este é o meu tempo: não tenho palavras

3.

Respiro por empréstimo,
Ar alheio que se despede
Ainda úmido de sua respiração

4.

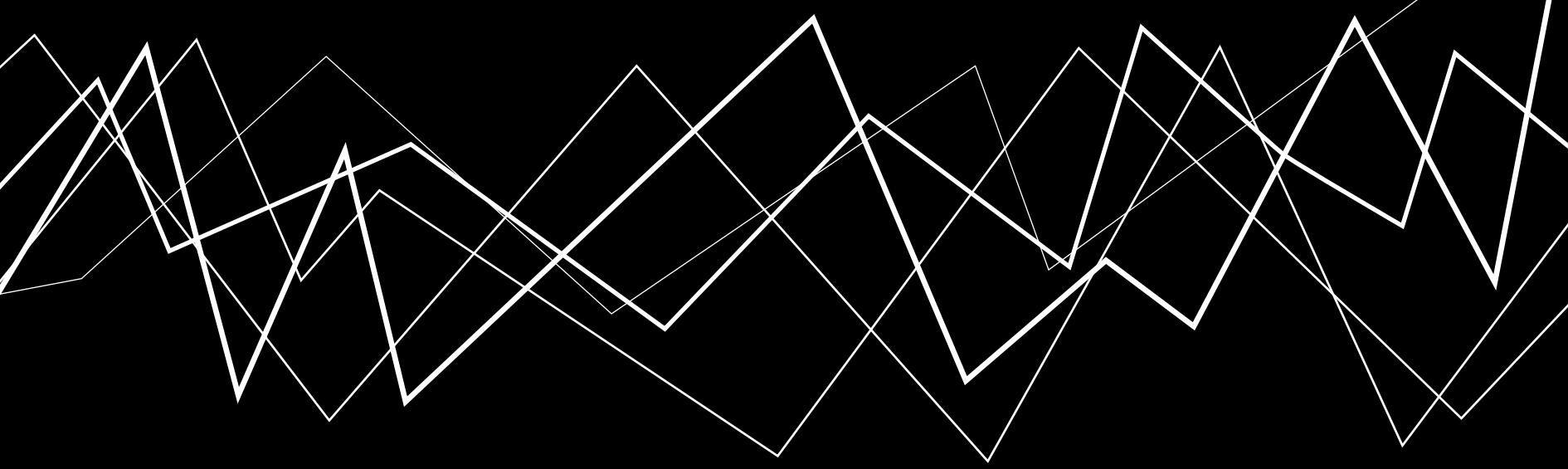
Respiro em mão única
Numa só direção
Idéias se vão
Por entre aléias

5.

Respiro por um triz:
O sol esplende diante do passado
aqui presente. Mas eu não sou o sol: em volta de mim
luzes se cansam de ser luzes
porém não oferecem outra condição de existência

6.

Respiro fora da raia, sem minha presença
E a festa começa
Amigos se reúnem
Uma casa se ergue
Sem minha presença
O passado ainda está por vir



7.

Respiro por sonhos,
Os sonhos adernam pra luz,
A luz resiste num fio,
O fio percorre a cidade,
A cidade não tem janelas
A cidade está morta,
A cidade está viva

8.

Respiro à margem, do lado de fora
onde tudo é a flama do incontido.
Respiro por precaução
Entre vizinhos que mal se conhecem
Lento entranhar-se entre estranhos.
Respiro em surdina, na cidade que se abre
E que se fecha, e a cidade morta
restaure a cidade viva; mãos acenam das janelas

9.

Respiro por fendas
Vou pela sombra das sombras
Entro nas brechas, nas fímbrias que alertam:
Aqui a alegria é quase um milagre
Ninguém distingue migalha de tesouro.
Respiro em falso, e mesmo sabendo
que te querendo eu ia ser feliz
Mesmo assim
Te quis

10.

Da casa da palavra à terra à vista
De chuva desabrida a sol a pino
Em cada nuvem em cada lenço
Em cada coisa da cidade, furiosa,
Respiro por aparelhos, dulçor sem-ar
e canto e danço e silencio –respiro
mesmo na falta de ar, tempos difíceis-
é só um arquejo
um sopro apenas
mas ainda respiro

0:15 no relógio do crooner dissidente

jorge rocha

Bem entre as pernas da tequileira. Minha cabeça. Chacoalhando gargarejo. Demoro uns vinte segundos para perceber que, deste ângulo de visão, é uma tarefa solo para desorientados tentar focar meus olhos nos dela. Verde. Amarelo. Vermelho. Amarelo. Verde. Vermelho. Tóim! Ela me encara e diz *Tom*? Eu falo para que espere. Percebo que estou prestes a estrebuchar como um carrossel, quando me dou conta de que não sei onde foi parar meu chapéu marrom. Minha cabeça insiste em não sair das pernas da tequileira. Dentes brancos e cheiro de gasolina. Hálito. Hábito. Mais uma rodada. *Por conta da casa*.

Liquidificador. Centrifugação. Gravidade Zero. Eminência da tangente. É disso que os sonhos são feitos. Em um generoso par de coxas que saltam para outro balcão, mas que agora estarão apenas a um assobio de distância. Estou justamente pensando nisso quando encaro um casal hare krishna que chega perto de mim. *Seu chapéu*. Ainda tenho o hálito da tequileira nas minhas narinas, mas o indisfarçável odor do casal parece querer uma disputa, tentando ganhar espaço, remetendo a mantras e combinações de varetas de bambu e pó de sândalo branco. Me oferecem uma delas, uma dessas varetinhas. Incensos me irritam como unhas afiadas raspando quadro negro. Coloco meu chapéu marrom no devido lugar, e sistema sensorial faz *whoop whoop blop blop*. Ebulição.

hare hare krishna krishna porrada bem no olho almíscar pow afrodisíaco pow bom humor pow auto-controle pow sangue escorrendo do globo ocular cortado hare fel rama esponja de aço hare mertiolate rama detergente manuais de guerrilha urbana sua orelha no meu prato piercings para palitar dentes krishna krishna pow pow

Sufoco. Procuro pela tequileira e só consigo enxergar o casal hare krishna dançando na minha frente – precisos cinco passos de distância. Ele, mãos na cabeça, tentando dar saltinhos ridículos. Ela, na ponta dos pés, com a boca em seu olho esquerdo. Sugando. Não entendo medicina alternativa, tampouco métodos orientais para remediar ou curar – mas sei palitar os dentes com um piercing e armar bons contatos, quase que em improviso. Faço uns sinais para a tequileira, certo de que encontrei uma cúmplice – nada mal para quem está com os bolsos vazios. Quando a hare krishnazinha cruza os olhos com os meus, disfarçando de seu amante-candidato-a-monge a procura, há uma luz sobre ambos e uma providencial pausa naquela chupação sacrossanta. Bolsa de gelo no olho ferido, um spot voltado para sua personalidade e uma platéia adestrada para dar atenção a quem está com brilho. O hare krishna não se faz de rogado: desata a falar sobre carma, glória, purificação, braços para todos os lados, e agora tem seu entretenimento garantido. Alguém coloca uma base sonora. Nada de mantras.

Regeneração através da destruição. É nisso que eu acredito.

Conduzo a hare krishnazinha pela mão até um jardim decorado com flamingos anões e miniaturas de roda-gigante. Decoração de gosto duvidoso, eu sei, mas este sempre foi um espaço de revelações. E ela tem cílios gigantes. Do tipo que poderiam me abanar nos dias quentes de dezembro, sem grande esforço. E aqueles cílios parecem crescer e me ventilar para fora dali. Ela pisca e eu posso jurar que ouvi um toque de oboé. Mas, assim que ela abre a boca – e movimenta aqueles cílios para mim –, um coro gospel se sobrepõe, tornando tudo o mais estática.

hallelujah i feel good glory glory so good oh yeah hallelujah so good i'm digging my potatoes so good voz solo de uma negra pesada que é a cara da bonnie lee replicando que o senhor é um cão pastor e que nada me arrastará in the name o'lord i feel good hallelujah oh yeah

Fogaréu. Saindo da grama rala. Milagres atribuídos a Santo Antão. É sobre isso que estou me acostumando a ouvir nos últimos dias. Dois flamingos anões estão sem cabeça, e tudo o que resta da hare krishnazinha são seus cílios. Intactos no meio de um círculo de grama esturricada. Bem à minha frente. Coloco-os no bolso da calça, enquanto checo se o hare krishna continua seu discurso emotivo. Agora, há mais dois spots a iluminá-lo. Ninguém nota quando, antes de usar a saída de emergência, ligo os irrigadores.

É da natureza dos peixes de briga bater a cabeça no vidro do aquário. Comportamento semelhante pode ser observado com loucos babões, meliantes despudorados, consumidores de psicotrópicos em trânsito e com os tarados em potencial. Voz de preto velho reverbera pelos auto-falantes da rodoviária velha, resmungando que é balela toda essa história de que há famílias felizes escondidas atrás de muros altos. Assobio, com um piercing entre os dentes, enquanto procuro pelos cílios no meu bolso. O próximo ônibus é o meu.

mônica de aquino

I

Lagos
os olhos do afogado –
já não retêm o acaso
o vidro baço
da dúvida.

Trégua túrgida, réstia
sem o espectro de estátua
que confere ao fim
o seu aspecto de pedra.

Rasgo
desde a véspera.
E quanto mais ontem
o corpo, mais lago
(e superfície).

A pele não espera –
dissolve-se –
E não se sabe
o que água, o que carne,
o que margem.

O morto
embriaga-se.

II

Ao lago não é dado
desamar o afogado
visto que, misturados,
lago músculo terra
já não se sabe
o que contém
o que refém
(e o que ilha).
Assim, amar o morto
é amar seu próprio corpo

é acolher a dispersão
do que também é água:
é este amar-se a si.

III

Suponha-se, agora
um outro
a mirar-se

(suponha-se o lago
nos olhos
do outro)

e que ele resvale
na pele do acaso:

assim, o morto
decantado.

Mas há o círculo:
e não se sabe
o que é morto
o que é outro.

IV

Por que fonte
sua natureza
se ao lago, apenas
impele a mó
do círculo?

(O outro sempre
clarabóia
onde se infere
a fronte do abismo).

riquelme e liniers não acordam nunca

manoel ricardo de lima

Duas ou três vezes por dia é possível ouvir de todos os lados da rua alguém dizer que precisa de socorro. São gritos estridentes, um trinado de fala ou um uivo ou alguma coisa muito próxima do silêncio e várias imagens distraídas. Todos arregalam os olhos, todos procuram algo, todos se movem, todos prestam muita atenção. Nunca é a mesma voz, nunca parece tão perto, nunca há respostas. Alguém corre de um lado para o outro, misteriosamente, com uma cartola preta, um casaco preto até os tornozelos, um par de sapatos pretos e de cabeça para baixo. Assim, duas ou três vezes por dia o mundo nunca é o mesmo

a questão do sujeito contemporâneo no filme o invasor, de beto brant

fernanda salvo

Beto Brant, o cineasta no limite

O cineasta paulista Beto Brant faz parte do que se convencionou chamar "geração anos 90": cineastas que iniciaram sua trajetória no formato de curta duração e fizeram sua estreia no longa-metragem nos primeiros anos da retomada no cinema brasileiro.

Após obter grande sucesso de crítica, com seu longa-metragem de estreia, "Os Matadores" (1997), Beto Brant conquistou notoriedade ainda maior com o lançamento de seu terceiro longa de ficção "O Invasor" (2001), que chamou a atenção do público, da crítica, e foi aclamado em festivais nacionais e internacionais. Nesse percurso, o cineasta conquistou seu espaço, passando à privilegiada posição de autor. Desde então, os filmes de Beto Brant são aguardados com curiosidade, pois ele é considerado um dos nomes mais inquietos e expressivos que despontaram no cenário cinematográfico contemporâneo.

De fato, Brant se diferenciou da maioria dos cineastas da retomada por ter buscado a via contrária. Se grande parte dos realizadores recorreu ao sertão e à favela – cenários emblemáticos do Cinema Novo –, Beto Brant privilegiou o espaço urbano depauperado, as ruas, os bares, os prostíbulos, a boemia da noite paulista. Desse modo, o cineasta aproximou-se muito mais da matriz encontrada nos filmes do Cinema Marginal, iniciado no fim dos anos 1960, na Boca do Lixo paulistana, tendo como ponto forte uma estética (ou antiestética) do sujo, do feio e do cafajeste – num verdadeiro deboche e riso sarcástico endereçados às impossibilidades do momento político de um Brasil que ainda vivia os horrores da ditadura militar.

Reprodução

Cinema das relações humanas

O cinema de Beto Brant apresentou, desde o início, uma persistente investida na exploração da experiência dos sujeitos, atitude aprofundada à medida que o cineasta foi amadurecendo suas temáticas, sendo patente a violência urbana e política que marcou seus três primeiros longas-metragens.Esta cedeu lugar a uma narrativa em que o traço pessoal e a interiorização dos protagonistas, vivenciando um mundo em colapso, é denunciada por seus conflitos interiores. De todo modo, se lançarmos um olhar atento ao conjunto dos filmes de Beto Brant, perceberemos um ponto comum a todos eles: as ações narrativas são fortemente focadas nas relações humanas, enfatizando as subjetividades e a vulnerabilidade das alianças firmadas entre os sujeitos. Dessa maneira, mesmo quando os filmes do cineasta buscam explorar a complexidade da sociedade atual, eles não se furtam em apresentar o sujeito contemporâneo como o grande protagonista da representação. No mundo diegético de Beto Brant, ninguém é o que aparenta, e, a cada novo filme, o cineasta parece confirmar sua investigação ao comportamento humano, explorando temas fulcrais da experiência, ao colocar em jogo os limites da ética, da amizade, da lealdade, do amor e da traição.

Sem dúvida, esses são os sintomas de um cinema que busca testar os extremos, operar nas fronteiras, sejam elas simbólicas ou reais – como no universo sem lei dos assassinos de aluguel na fronteira do Brasil com o Paraguai, em "Os Matadores" (1997); seja na busca incessante pelo inimigo do passado, em "Ação entre Amigos" (1998); seja no choque entre ricos e pobres de "O Invasor" (2001); seja na derrocada do crítico de arte que se apaixona pela jovem modelo que não possui uma perna (e aqui o limite é o próprio belo) em "Crime Delicado" (2005), ou, ainda, na afetividade trôpega do tradutor de línguas que se depara com a possibilidade do amor, em "Cão sem Dono" (2007).

Cinema literário

Beto Brant tem como base de inspiração para seus filmes a literatura recente realizada no País. Seus três primeiros longas-metragens partiram do trabalho do romancista Marçal Aquino, que possui um estilo muito próximo do gênero policial, nos moldes da literatura de Rubem Fonseca. Dessa maneira, o filme "Os Matadores" é inspirado no conto homônimo contido no livro "Miss Danúbio", de Marçal Aquino; "Ação entre Amigos" nasceu da adaptação de um romance que Aquino não chegou a finalizar, e "O Invasor" foi criado a partir da novela do mesmo autor, que preferiu não terminá-la, para assumir a produção do roteiro do filme junto com Renato Ciasca e o próprio Brant. Os dois últimos longas do diretor também não fugiram à regra da inspiração literária: "Crime Delicado" foi adaptado do romance homônimo do veterano carioca Sérgio Sant´Anna, e "Cão sem Dono" é baseado no livro "Até o dia em que o cão morreu", do gaúcho Daniel Galera.

Cinema que pensa o real

Os teóricos de cinema Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (2006) afirmam ser possível interrogar o filme, na busca de uma interpretação da sociedade, pois este se constitui numa série de representações sobre o mundo real em que se insere. "A hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que o filme sempre fala do presente (ou sempre diz algo do presente, do aqui e agora de seu contexto de produção). O fato de ser um filme histórico ou de ficção científica, nada muda no caso" (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 2006: 56).

É a partir dessa contribuição que pretendemos chamar a atenção para o cinema realizado por Beto Brant, nos últimos anos, como um lócus privilegiado de análise de algumas questões importantes no nosso mundo social. Como já dissemos, desde o seu primeiro longa-metragem, o cineasta trouxe, como uma de suas preocupações centrais, a exploração das relações humanas, investigando a mentalidade e a singularidade dos sujeitos, bem como seus modos de estar no mundo.

É flagrante que essa relação dos sujeitos contemporâneos com o mundo que os rodeia tem sido objeto de análise detida de diversos teóricos sociais na atualidade. Grande parte dos autores (JAMESON, 2006; HALL, 1999; KELLNER, 2001; HARVEY, 2008; SARLO, 1996) afirma que a complexidade que assolou as sociedades, principalmente a partir da segunda metade do século XX – com a investida do capitalismo em setores antes isentos,

Reprodução

como a cultura, e com a rapidez dos processos de globalização e o fluxo sem precedentes de imagens e informações, o qual passou a fazer parte do cotidiano das pessoas – foi responsável pelo aparecimento de novas formas de subjetividade, dando lugar ao nascimento de um sujeito fragmentado, desconexo e descentrado, constituído num cenário e numa cultura pós-moderna.

Além disso, é importante lembrar que o trabalho de Beto Brant teve início nos anos 1990, fim de século, quando o mundo inteiro se perguntava sobre o estatuto do sujeito, após a sua anunciada "morte" por pós-estruturalistas e pós-modernos. Naquele mesmo momento, com o fim da guerra fria e a queda do Muro de Berlim, as nações presenciaram o fim da utopia socialista e a vitória do neoliberalismo pós-moderno e antiutópico, juntamente com a derrocada dos ideais de progresso da modernidade.

Fredric Jameson (2006ab) chamou essa era de capitalismo tardio, momento de uma investida sem precedentes do capital, que passou a dominar todos os setores do mercado, inclusive a cultura. Voltando-se para as produções do cinema, da arquitetura, das artes plásticas e da música, o teórico enfatizou a mercantilização e o fetichismo das mercadorias a que estão submetidas as produções pós-modernas – fatores que desembocam num novo tipo de achatamento, superficialidade, falta de profundidade e esmaecimento do afeto, numa celebração do fim do gesto utópico nas artes. Para Jameson, com o colapso da ideologia do estilo modernista, os artistas contemporâneos só podem recorrer ao passado e imitar estilos mortos. Ele identifica essa recorrência ao passado, por exemplo, nas produções do cinema, através da proliferação dos "filmes de nostalgia". O autor defende que essa constante imitação do passado gera uma crise de historicidade, trazendo em seu bojo importantes questões relativas à organização da temporalidade, pois, se o sujeito perde a capacidade de organizar seu passado e seu futuro como uma experiência corrente, é difícil supor como os objetos produzidos por tal sujeito possam resultar em algo coerente, coeso e não fragmentário. Por isso mesmo, a forma pós-moderna de retratar o mundo por meio de fragmentos em perpétua mudança, e a consequente quebra da linearidade dos discursos causam efeitos sobre a personalidade e a psique dos sujeitos. Estes, na pós-modernidade, acabam por desenvolver uma forma esquizofrênica de interpretação da sua história pessoal. Em razão da fragmentação do sujeito na pós-modernidade, Jameson sugere não serem mais assimilados conceitos como ansiedade e alienação. Ele convoca as experiências com drogas do final dos anos 1960 e a esquizofrenia como as novas possibilidades de patologias culturais contemporâneas.

Dos personagens à questão do sujeito no filme O Invasor: os desencantos da pós-modernidade

No mundo contemporâneo, houve mudanças na subjetividade, novas formas de pensar, sentir e agir. Fatores que desembocam na dificuldade de estabelecer laços, de firmar compromissos, pois os vínculos subjetivos

foram deteriorados, numa era que celebra a não-fixidez, a aceleração, a volatilidade. Se o sujeito moderno ainda possuía bases sólidas de fixação no mundo, que contribuíam para manter sua capacidade de firmar alianças, de alimentar o desejo utópico que o habilitava a buscar no povo a possibilidade da revolução, a crise do sujeito contemporâneo, em contrapartida, o levou à perda desse horizonte, ao abalo das certezas e, consequentemente, a tatear em busca do vínculo que o ligava à História e ao Outro.

Aqui já estamos mais próximos das questões apresentadas no campo semântico do filme O Invasor, de Beto Brant, o qual nos permite uma leitura sobre como a questão do sujeito contemporâneo tem sido midiaticamente representada.

O filme nos introduz num universo de corrupções, chantagens, conspirações e morte, dando a ver, em seu campo diegético, esse sujeito que perdeu a capacidade de criar pertencimentos, de lutar por uma causa comum, devido à completa degradação dos laços intersubjetivos. É possível mesmo pensar que, nesse filme, por mais que os personagens se movam, sempre estarão enclausurados na relação com o outro. Tais elementos fazem de "O Invasor" um filme da distopia, pretendendo-se colocar a nu a exasperação das relações sociais.

O registro da cidade

No filme "O Invasor", encontramos uma ação desenvolvida num ambiente predominantemente urbano – a cidade de São Paulo. Na narrativa, a cidade cumpre papel crucial, funcionando como uma espécie de set para as filmagens. Isso não se dá por acaso, pois, na trama, o que está em evidência são os conflitos entre periferia e centro, ambos explorados pela câmera de Beto Brant, naquele que se tornaria um registro quase documental do cotidiano de São Paulo. Exibindo forte sotaque paulistano, dado evidente de inferência ao real, os personagens perambulam por bairros elegantes, academias de ginástica, restaurantes sofisticados, bares barra-pesada, vielas na beirada da favela, boates e casas de prostituição, introduzindo-nos em dois territórios, aqui definidos pela linha que separa centro e periferia – mas, ao mesmo tempo, absolutamente cambiáveis, como o próprio filme nos mostra. Essa permutação de experiências entre os dois universos será geradora da tensão que se instalará na vida dos personagens. Desde a primeira cena de "O Invasor", perceberemos que os recursos expressivos da linguagem cinematográfica são utilizados para contribuir com um apelo ao real. Nesse sentido, vale notar que todas as sequências do filme foram realizadas com câmera na mão – o que aumenta a sensação de proximidade da encenação e dos personagens. Além disso, os longos travellings da câmera pelas ruas da periferia, captando populares em suas atividades cotidianas, servem para dar conta da paisagem urbana fora do centro. Também os registros semiológicos, como movimentos nervosos de câmera, montagem fragmentária, ritmo às vezes alucinante, iluminação precária e granulada e música (principalmente o rap de Sabotage e do Instituto) onstituem-se em elementos narrativos que criam elos com as sensações, lembranças e atitudes dos personagens, aprofundando-se um hiperrealismo incômodo e uma sintaxe muito próxima das linguagens contemporâneas, como o videoclipe. É desse modo que a narrativa de O Invasor traduz, na forma do filme, as questões conceituais de que trata.

Centro se aproxima da periferia

Já na primeira seqüência de "O Invasor", vemos Gilberto (Giba) e Ivan, dois sócios de uma renomada construtora de São Paulo, chegando de carro num bairro da periferia da cidade. Nessa cena, já podemos adivinhar que os dois não pertencem àquele lugar, pois dirigem um automóvel de último modelo, estão bem-vestidos e parecem bastante incomodados com o ambiente nada familiar em que acabam de chegar. Os dois encontram-se, então, com um tal Anísio, e contratam seus serviços para eliminar a vida de Estevão, sócio majoritário da construtora que se opõe aos negócios escusos que Giba e Ivan pretendem realizar. Essa sequência é totalmente oferecida por uma câmera subjetiva, a qual assume o ponto de vista de Anísio. Portanto, é sob a percepção do matador que "espionamos" os movimentos nervosos de Giba e Ivan. Aqui a subjetiva é muito importante para representar, imageticamente, um dado introduzido no filme: temos uma espécie de câmera-olho de Anísio, que assume a visão privilegiada na situação. Por isso mesmo, saímos desse quadro sem conhecer o rosto do matador. Somente após quase vinte e cinco minutos de narrativa é que veremos o rosto de Anísio. Este, por sinal, não sairá mais do campo, e é disso que trata "O Invasor", ao propor espaços simbólicos cada vez mais

Reprodução

invadidos pelo matador de aluguel, que sequer aparece no início da narrativa, mas vai dominando a cena, fazendo todas as relações explodirem após sua chegada. Quando Anísio entra em cena, a câmera mimetiza o seu movimento invasivo, penetrando com violência os espaços privados, descortinando a realidade e o interior dos personagens. Talvez um dos primeiros momentos do filme em que o personagem demonstra não ter vindo para brincar, seja ao assassinar Estevão e também sua esposa Silvana na mesma emboscada. Quando Ivan dá uma bronca nele, dizendo que a mulher não estava incluída no trato, Anísio responde com frieza: "Não se preocupe, eu não vou cobrar mais por isso". Daí em diante, Anísio só vai aprofundando sua postura cruel, invadindo o mundo dos ricos, inserindo-se na vida de Giba e Ivan, impondo-se como funcionário da Construtora Araújo Associados, chantageando os dois sócios, e, como se não bastasse, seduzindo Marina, a filha de suas vítimas. Em alguns pontos-chave do filme, temos a impressão de que Anísio quer cobrar uma dívida antiga, e seu credor maior parece ser a burguesia, pela qual Anísio sente verdadeiro rancor (a elite, aqui personificada nas figuras de Giba, Ivan e, mais tarde, de Marina).

A chegada de Anísio à vida da construtora desencadeia, na narrativa, mais dois núcleos de ação importantes de se notar, pois ambos dizem respeito às relações entre os sujeitos. O primeiro deles é a emergência à cena da personagem Marina, filha de Estevão e Silvana, e o segundo é a rivalidade total a que chegarão Giba e Ivan – sócios e amigos num primeiro momento, ficando evidente que somente a morte de um deles poderá resolver o impasse.

No caso de Marina, o que chama a atenção é seu romance com Anísio, um namoro estabelecido pela personagem sem o menor questionamento, cedendo completamente à influência do assassino de seus pais. Jovem, bonita e rica, Marina apresenta uma atitude blasé diante de todas as coisas práticas da vida, indo morar com Anísio e jogando-se num mundo de baladas, sexo e drogas. No filme, Marina parece mesmo retratar uma geração hedonista, voltada para si mesma e que só pensa em curtir a vida. As cenas que flagram o personagem explicitam, de uma maneira ou outra, sua fuga do mundo real, mas os recursos expressivos do cinema tratando da questão da alienação, são acentuados na sequência em que ela e Anísio têm uma "viagem", com o uso de extasy, numa boate. A técnica do videoclipe, a iluminação trabalhada com filtros e o som hipnótico da música tecno são os elementos narrativos responsáveis pelo total automatismo em que mergulha a personagem, evidenciado aqui.

No plano das conspirações, Giba se sobressai. À medida que o filme se desenvolve descobrimos que o personagem mantém relações escusas com a polícia, é sócio de uma casa de prostituição, não sofre culpa por ter mandado matar Estevão e arma contra Ivan deliberadamente. Desde o início do filme, Giba trai, sem pudores, todas as pessoas com as quais se relaciona. Ele é um engenheiro renomado, mas não conta aos sócios da construtora que mantém um bordel de luxo em sociedade com um delegado que recebe propinas, seu comparsa Norberto. É também Giba quem arma a morte de Estevão e, quando Ivan se arrepende do trato, querendo poupar a vida do terceiro sócio, Giba se mantém irredutível,

acusando Ivan de fraqueza e dizendo já ser tarde demais para pular fora da armação. Quando Giba descobre a personalidade fraca de Ivan, o qual se sente culpado depois do assassinato, ele não poupa esforços para acabar também com a vida do segundo sócio.

Entre os personagens de "O Invasor", Ivan é o único que parece representar um núcleo positivo da vida – ele faz reflexões sobre os acontecimentos, sofre crise moral, apaixona-se pela farsante Cláudia. No fundo, Ivan é um sujeito fraco, falta-lhe coragem para mudar as coisas. Após se arrepender de mandar matar Estevão, o personagem percebe já ser tarde demais. Ao mesmo tempo, Ivan passa a temer as distorções do caráter de Giba, desconfiando que pode se tornar a próxima vítima, e desenvolvendo uma verdadeira paranoia persecutória. Decidido a se defender, Ivan compra uma arma, e, quando descobre que a mulher por quem se apaixonou, Cláudia, é, na verdade, uma informante contratada por Giba, ele parte alucinado atrás do sócio para um acerto de contas. A perseguição de Ivan a Giba é digna de nota, pois é nesse momento que o filme propõe um hiperrealismo, mergulhando fundo na paranoia de Ivan. À medida que o personagem percorre transtornado as ruas da cidade, no encalço de Giba, as cenas são encobertas de um verde nauseante. Enquanto ele dirige pelos longos túneis, nossa sensação é de que o ar vai faltar: a imagem é sufocante, o personagem tosse, sua, ofega. Nesse ponto, vale o destaque para outro recurso expressivo utilizado: Beto Brant insere a duplicação da imagem subjetiva de Ivan, o que amplia os efeitos de embaçamento da visão do personagem e do espectador. Aqui, chega-se ao ápice da paranoia, como se o tom das cores, a música, a imagem granulada e a montagem acelerada servissem para narrar a perspectiva de Ivan. Nesse momento, também há mais uma materialização do choque entre centro e periferia. Ivan avança um sinal e bate direto no carro de dois "manos", os quais descem cheios de gírias e querendo resolver a situação. Só que Ivan os ameaça com a arma e eles vão embora. Agora, porém, com o eixo de seu carro quebrado, Ivan só tem como alternativa seguir a pé pela grande avenida. A caminhada de Ivan parece um calvário, dando-se conta de seu completo isolamento na urbe. Na noite escura, vemos casebres, muros pichados, carros abandonados e barracos assombrosos passando pelo personagem. Fatigado, Ivan se agacha, tosse, chora, volta a caminhar, rodopia, tenta correr. Os primeiríssimos planos dão a ver seu rosto atormentado, alucinado, a cena toda sempre encoberta pela luz esverdeada e acompanhada pelos versos gritados "uh, a bomba vai explodir, ninguém vai te acudir" da banda Pavilhão 9. Um corte nesse plano-sequência atordoante, e vemos novamente, em primeiríssimo plano, o rosto de Ivan. Chorando, ele agora se entrega à polícia numa delegacia. Mas a confissão de Ivan é o pedido de socorro que não será atendido. Em ação simultânea, Giba e Anísio estão na mansão de Estevão tramando sobre o futuro do personagem. A cena é a demonstração máxima da ascensão e da vingança de Anísio, que traja um rico roupão de seda e oferece uísque a Giba. Mais um corte, e o matador abre a porta suntuosa da mansão, seguido por Giba. Na rua, vemos Ivan algemado dentro de uma viatura. Só aí descobrimos, perplexos, ser Norberto, sócio de Giba na casa de prostituição, o delegado de polícia que recebeu a confissão de Ivan. Ele conta a Giba que seu sócio "deu todo o serviço" na delegacia e recomenda a Giba e Anísio darem um "jeito nele". Corte. Marina dorme, angelicalmente, em sua cama. Sobem os letreiros. Nesse momento, temos a certeza de não haver nenhuma saída ou esperança no mundo diegético de "O Invasor".

Referências bibliográficas

HARVEY, David. Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 3ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JAMESON, Fredric. A virada cultural. Reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo - A lógica cultural do capitalismo tardio. 2ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2006b.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. São Paulo: EDUSC, 2001.

NAGIB, Lúcia. A utopia no cinema brasileiro: matrizes, nostalgia, distopias. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SARLO, S. B; ALCIDES, S. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. 4ª Edição. Campinas: Papirus, 2006.

M E N U

Allen Ginsberg nasceu em Newark, Nova Jersey, em 1926. Como estudante da Universidade de Columbia, na década de 1940, iniciou uma estreita amizade com William S. Burroughs, Neal Cassady, Gregory Corso e Jack Kerouac. Foi um dos expoentes da geração beatnik nos anos 1950. Autor de vários livros, entre eles "Kadish and Other Poems", "Reality Sandwiches", "Cosmopolitan Greetings" e "Howl and Other Poems", este último proibido na ocasião do lançamento, em 1955. Liberado, tornou-se um dos livros mais vendidos da época. Allen Ginsberg morreu em Nova York, em abril de 1997.

Bill Knott (William Knott, Michigan, 1940) publicou mais de quinze livros de poesia, todos inéditos no Brasil e disponíveis para download no endereço http://billknott.typepad.com/. O primeiro deles, The Naomi Poems (1968), foi publicado sob o pseudônimo Saint Geraud, cuja biografia incluia um suicídio cometido dois anos antes da publicação.

Fabrício Marques organizou "Sebastião Nunes" (Ed. da UFMG, 2008). É poeta, autor de "Samplers" (Relume-Dumará, 2000) e "Meu pequeno fim" (Scriptum, 2002). O poema aqui publicado integra o inédito "27 sopros", previsto para 2009.

Fernanda Salvo é jornalista, mestranda em Comunicação Social (UFMG) e cinéfila especialmente interessada em filmes brasileiros de todos os tempos. E-mail: fernandasalvo@hotmail.com.

Guilherme Rodrigues nasceu na cidade de São Paulo, em 12 de Janeiro de 1984. Em 1986 mudou-se com sua família para a cidade norte-mineira de Manga. É poeta, cronista, contista e professor de Literatura Brasileira. Teve seus poemas publicados no Suplemento Literário de Minas Gerais, na Revista Verde Grande, além de crônicas, artigos e poemas publicados em jornais de Montes Claros/MG, onde reside há cinco anos. É um dos coordenadores do Salão Nacional de Poesia Psiu Poético, no qual foi um dos poetas homenageados na sua décima oitava edição, em 2004.

Joca Reiners Terron (1968, MT) é escritor. Publicou "Curva de Rio Sujo", que virará filme em 2010, dirigido por Felipe Bragança, e "Sonho Interrompido por Guilhotina", entre outros livros.

Jorge Rocha nasceu em Campos-RJ, e vive em Belo Horizonte-MG desde 2004. É jornalista e professor universitário. Publicou "Murder Ballads" (Mojobooks, 2008), e-book que "reconta" o disco homônimo de Nick Cave. Mantém o blog jornalístico "O Jornalismo Morreu!" – http://www.verbeat.org/blogs/exu – e a série literária em portuñol savage "La Vengeanza de los Motomuchachos" – http://www.verbeat.org/blogs/vengeanza. Faz parte da banda w.a.a.d. – http://www.myspace.com/weplayhard.

Júlia Studart nasceu em Fortaleza em 1979. Publicou "Wittgenstein e Will Eisner – se numa cidade suas formas de vida" (Lumme Editor, ensaio, 2006) e "Livro Segredo e Infâmia" (Editora da Casa, ensaio, 2007). Faz doutorado em Teoria Literária – UFSC, em Florianópolis, onde vive desde 2006, com pesquisa a partir das linhas narrativas de Gonçalo M. Tavares.

Kenneth Rexroth (1905 - 1982), anarquista antes de todo mundo na América, primeiro opositor dos bambambans do modernismo, divulgador e tradutor da poesia oriental vinte anos antes dos anos 60, plena fé no amor e no erotismo como transcendência, quatro esposas, duas filhas e mais de vinte livros publicados.

Leo Gonçalves é belorizontino, autor de "WTC BABEL S. A." (2008) e "das infimidades" (2004). Traduz poetas como Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, William Blake, Juan Gelman. Assina o blogue: www.salamalandro.redezero.org.

Letícia Féres integra o coletivo interartes Não macule minha faca e tem uma gata linda chamada Ana. Está sempre à procura de outra coisa, às vezes no endereço: atrasdosolhos.wordpress.com.

Manoel Ricardo de Lima nasceu em Parnaíba, PI, em 1970. Escritor e professor de literatura, publicou "55 Começos" (Editora da Casa, 2008), "As Mãos" (7Letras, 2003), "Falas Inacabadas" (com Elida Tessler, Tomo, 2000), "quando todos os acidentes acontecem" (7Letras, 2009) entre outros. Vive em Florianópolis.

Marcelo Terça-Nada! transita por diversas áreas: intervenção urbana, fotografia, gravura, poesia etc. Faz parte do Poro (http://poro.redezero.org/) e da DoDesign-s (http://www.dodesign-s.com.br), além de manter o blog http://virgulaimagem.redezero.org.

Micheliny Verunschk é escritora, autora de "Geografia Íntima do Deserto" e "O Observador e o Nada", ambos de 2003. Blogólatra compulsiva confessa, escreve no endereço http://www.ovelhapop.blogspot.com.

Mônica de Aquino nasceu em Belo Horizonte em 1979. Publicou "Sístole" (editora Bem-te-vi, 2005). Participou da antologia "O achamento de Portugal" e da antologia catalã "Panamericana, poetas americanas nascidas a partir de 1976". Possui poemas publicados em diversos periódicos, como o Suplemento Literário de Minas Gerais e a revista Poesia Sempre. E-mail: monicadeaquino@gmail.com.

Paulo Scott é autor do romance "Voláteis" (Objetiva, 2005), do livro de contos "Ainda orangotangos" (Livros do Mal, 2003; reeditado em 2007 pela Editora Bertrand Brasil) e dos livros de poesia "Senhor escuridão" (Bertrand Brasil, 2006), "A timidez do monstro" (Objetiva, 2006), "Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos monstros" (Sulina, 2001). Em 2006, escreveu a peça "Crucial dois um", contemplado no Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz. Ainda em 2006, ocorreram as filmagens do longa metragem "Ainda orangotangos", sob a direção de Gustavo Spolidoro. Junto com o ilustrador Fábio Zimbres, criou o projeto Na Tábua. Idealizou o projeto Primeiro Popular de Ruído & Literatura. Em 2008, junto com os escritores Chacal, Marcelino Freire e Marcelo Montenegro, criou o projeto Vocabulário. É colunista da revista eletrônica do portal Terra.

Reuben da Cunha Rocha (São Luís, 1984) é maranhense com ascendência paraibana. Co-edita o baixacultura.org, onde milita pelo download e pela cultura livre. Pode ser encontrado no endereço reubencr@gmail.com.

Sérgio Fantini é escritor. Mora em Belo Horizonte, onde nasceu. Publicou livros de poemas e contos. Tem textos em várias antologias e revistas.

REVISTA DE AUTOFAGIA

n.3 – março – 2009

EDITORES
Makely Ka e Bruno Brum

PROGRAMAÇÃO VISUAL
Bruno Brum

REVISÃO
Cíntia Siqueira

ICONOGRAFIA ADICIONAL:
p. 26 | Markus Biehal / SXC
p. 32 | Chris Cockram / SXC
p. 37 | Christa Richert / SXC
p. 42 | Stephen Eastop / SXC
p. 50 | Nagy Daniel / SXC

Imagens da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª capas e das páginas 1 e 2: fragmentos da série "Memórias de Tempos e Paredes", de Marcelo Terça-Nada!.

Logo "Autofagia", inserido na 4ª capa, desenhado por Fred Girauta.

CONTATOS
bn.brum@gmail.com
makelyka@yahoo.com.br

editorial

Uma publicação da Sêlo Editorial

ISSN – 1809–5925

DISTRIBUIDORA NAMARRA

Incentivo à Cultura Belo Horizonte Lei Municipal 6498/93

PREFEITURA BH TRABALHO PELA VIDA

Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte